

## CUBATÃO: NA BUSCA DAS FAVELAS O ENCONTRO DO "PEÃO" QUE PERMANECE\*

Amélia Luisa Damiani

Em princípio, a temática a ser desenvolvida referia-se às favelas de Cubatão, observando entretanto:

– a garantia do não comprometimento das determinações específicas da pobreza nesta cidade; e, neste sentido, o trabalho foi impulsionado pela provável relação entre as favelas e o desenvolvimento de Cubatão como centro industrial. A coincidência da realização da pesquisa com um momento em que Cubatão sofria as consequências da crise econômica que atravessa o país exacerbou a possibilidade de vislumbrar tal relação; ou melhor, tais determinações.

– e, evidentemente, tendo em vista a preocupação anterior, não sucumbir a conceitos acabados a respeito do assunto. De fato, o significado da tentativa de fuga de conceitos acabados – embora houvesse, de certa forma, uma idéia de favela pressuposta, que permitia discernir os espaços favelados quase que a primeira vista – definia a ausência de um encaminhamento pré traçado para este estudo, no que respeita propriamente às favelas. A compreensão e importância das mesmas não seriam definidas a priori, mas sujeitar-se-iam ao que favelados, ou moradores de Cubatão de modo geral, refletissem.

O resultado foi, por um lado, a abertura da temática para além das favelas, em estrito senso, isto é, para além do problema urbano que elas delimitam. A problemática das favelas tornou-se, concluindo, especialmente, a dos favelados enquanto trabalhadores. E, por outro lado, permitiu, quanto ao discernimento da questão urbana específica de Cubatão, não reduzi-la às favelas, e não reduzir às favelas enquanto áreas de propriedade alheia invadidas.

Em meados da década de 1950 passa a desenvolver-se em Cubatão o centro industrial, que incorpora especialmente indústrias petroquímicas e siderúrgicas (veja quadro 1); em outras palavras, um centro de produção de meios de produção, em seus elementos circulantes (1). De modo geral, trata-se de uma industrialização de grandes unidades de produção, com alta composição orgânica de seu capital, isto é, caracterizada por um volume maior de capital constante e que, em termos de propriedade, divide o processo de acumulação de capital entre o capital monopolista internacional e os capitais privado e estatal nacionais.

Considerado este centro produtivo nos limites estritos expostos acima, suas grandes indústrias identificar-se-iam, através de seus trabalhadores diretos, apenas com uma porção dos moradores de Cubatão, em geral os do centro urbano propriamente.

---

(1) O desenvolvimento de Cubatão na qualidade de Centro Industrial envolve enquanto condições internas sua situação geográfica, historicamente produzida, enriquecida de uma rede de transportes e de energia a disposição, e, inversamente, suas atividades produtivas, especialmente a bananicultura, facilmente substituíveis. Mas suas causas provêm de um processo econômico que transcende Cubatão, e remetem à expansão qualitativa e quantitativa da industrialização brasileira, que, por sua vez, realinha o Sudeste, especialmente São Paulo, como área de concentração da produção industrial e centralização de capital. O tratamento desta questão aparece na dissertação, em particular, das páginas 11 a 14.

\* O presente artigo baseia-se, privilegiando, no entanto, a temática da habitação a que se propõe este número do BPG, no trabalho "NA BUSCA DAS FAVELAS O ENCONTRO DO "PEÃO" QUE PERMANECE – As favelas de Cubatão num quadro de desenvolvimento do centro petroquímico-siderúrgico", dissertação de mestrado da mesma autora, defendida junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

**Quadro 1**  
**CENTRO PRODUTIVO DE CUBATÃO**  
**Indústrias Petroquímicas, Indústria Siderúrgica e outras**

EMPRESA	ANO DE INSTALAÇÃO	PROPRIEDADE DO CAPITAL
Petrobrás – Petróleo Brasileiro S/A. – Refinaria Presidente Bernardes	1955	empresa estatal (grupo Petrobrás)
Companhia Brasileira de Estireno	1957	empresa privada estrangeira
Alba Química S/A. Indústria e Comércio	1958	empresa privada estrangeira (grupo Borden)
Copebrás S/A. – Cia. Petroquímica Brasileira	1958	empresa nacional privada
Union Carbide do Brasil S/A.	1958	empresa privada estrangeira (grupo Union Carbide)
Companhia Siderúrgica Paulista – COSIPA	1963	empresa estatal (grupo Siderbrás)
Carbocloro S/A. Indústrias Químicas	1966	empresa nacional privada (grupo)
Rhodia Indústrias Químicas e Textéis S/A.	1966	empresa privada estrangeira (grupo Rhone Poulenc)
Cimento Santa Rita S/A.	1968	empresa privada estrangeira (grupo Argeda)
Petroquisa – Petrobrás Química S/A. (*)	1969	empresa estatal (grupo Petrobrás)
Liquid Carbonic – Indústrias S/A.	1970	empresa privada estrangeira (grupo Houston Natural Gas)
Liquid Química S/A. (ligada à Carbonic)		empresa privada estrangeira (grupo Houston Natural Gas)
Ultrafertil S/A. Indústria e Comércio de Fertilizantes	1970	empresa estatal (grupo Petrobrás)
Engector Indústria Química S/A.	1971	empresa nacional privada (grupo)
Solorrico S/A. – Indústria e Comércio (Ex. Fertilizantes União)	1972	empresa nacional privada (grupo)
Petrocoque S/A. – Indústria e Comércio	1975	empresa nacional privada
IAP S/A. – Indústria de Fertilizantes	1975	empresa nacional privada
Gespa Gesso Paulista S/A.	pós – 77	–
Indústria Luchsinger Mandorlin S/A. (adubos – Trevo)	pós – 77	empresa nacional privada (grupo Trevo)
Manah S/A. – Comércio e Indústria	pós – 77	empresa nacional privada
Ultrafertil Fafer – Fábrica de Fertilizantes	pós – 77	–

FONTES: CETESB, Regional de Santos  
 Guilherme, M.L., Problemas Urbanos de Cubatão e seu Caráter Social, 1982  
 Revista Visão, Quem é Quem na Economia Brasileira, Agosto de 1983

(\*) A partir de 1969 a fábrica de fertilizantes foi desligada da Petrobrás e se constituiu enquanto empresa autônoma.

Esta industrialização não definiu um processo de urbanização de grandes proporções em Cubatão, diluindo-o em outras cidades da Baixada Santista, e mesmo na metrópole de São Paulo (2). Entre outros fatores, responde internamente pela restrição à expansão urbana em Cubatão, a valorização da terra determinada pela industrialização combinada contraditoriamente: ao açambarcamento de grandes glebas de terra pelas indústrias; aos investimentos necessários para o aproveitamento das áreas restantes, muitas de difícil condição de ocupação (mangues e morros), exigindo custos adicionais com aterros, etc, (3); bem como, à poluição industrial, que chega a limites excessivos, transformando Cubatão no "Vale da Morte". Com a industrialização o urbano é produzido em Cubatão com características de segregação espacial, quer pela sua reprodução enquanto centro subordinado aos demais centros urbanos ao redor, quer pela proliferação de favelas e aglomerados pobres. A pobreza junto a esses núcleos e a pobreza em Cubatão dessa forma se confundem.

Esta pobreza transpareceria facilmente como heterogênea à riqueza aí produzida, definida pelas indústrias, seu corpo fabril e sua produção; contudo, não necessária e certamente como lhe sendo contraditória.

Ao nível de alguns discursos sobre este centro produtivo, é possível ver-se acrescentada às demais indústrias, com as quais manteria relações, uma outra indústria, a da construção. Contudo, esta presença e estas relações não aparecem claramente delimitadas, ou mesmo reavaliado este centro, enquanto urbano e industrial, a partir dela.

De modo geral, a idéia vigente é da industrialização de Cubatão comportando um mercado de trabalho restrito, fruto de uma industrialização de alta composição orgânica do capital que, esporádica ou circunstancialmente, necessita de uma massa maior de trabalhadores, particularmente os da construção. A forma de manifestação da indústria da construção e da relação de sua produção com as demais produções de Cubatão traduz-se na aparência de um produto, definido por novas construções de ampliações industriais que alimentam esse centro, em intervalos irregulares e longos de tempo ou intervalos não exatamente definíveis. Produto, portanto, que pode ser retratado enquanto eventualmente necessário, cuja indústria absorve por prazo determinado parte substancial dos migrantes, nordestinos em grande parte, que chegam a Cubatão atraídos pela perspectiva de um emprego em um centro industrial. A dispensa desses trabalhadores adquire um caráter de certa forma definitivo pela temporalidade do trabalho em questão. Em última instância, esta interpretação desencadeia a explicação da pobreza como fruto da superficialização dessa população trabalhadora face às necessidades da acumulação, que sub-ocupada ou desempregada se concentraria nas favelas, então, em proliferação, especialmente, devido a massa crescente de uma população excedente.

Este discurso, necessário do ponto de vista da reprodução das relações sociais, pois não supera a simples heterogeneidade, ou melhor, a diluição da relação direta e contraditória entre pobreza e riqueza produzidas em Cubatão, tem seu fundamento na forma mesma de manifestação da indústria da construção aí instalada, cujos elementos reais motivadores são: a intermitência relativa do trabalho da construção e uma indústria de permanência e importância impossível de serem avaliadas pela existência de fábricas fixas. Neste mesmo sentido, outra distorção permite compreender, a partir da intermitência do trabalho da construção, a este como um "bico", trabalho avulso, desqualificado e alheio à dinâmica da produção de riqueza, enquanto capital produtivo, acompanhado de frequentes desempregos. Novamente o acento na determinação da pobreza pode ser dado ao desemprego ou, ainda, do âmbito da representação deste trabalho como "bico",

(2) Boa parte dos trabalhadores diretos das indústrias petroquímicas e siderúrgica, e ainda dos serviços e comércio, melhor remunerados, moram nas outras cidades ao redor, especialmente Santos.

(3) Mais facilmente amortizados quando se trata de investimentos produtivos de grande porte, como os realizados pelas indústrias da área.

da parte inclusive de muitos trabalhadores da construção, cria-se um vínculo entre o trabalho considerado inferior, ou de menor significação, e a pobreza que produz, justificando-a.

Tentando superar os desvios que a forma de manifestação mesma da indústria da construção pode gerar, quanto a eventualidade de sua presença e a descaracterização do caráter essencial de sua produção, no contexto das demais produções do centro industrial, insistimos em sua relevância para a reprodução deste centro enquanto tal, e nas formas e intensidade de exploração de sua força de trabalho como determinantes para a reprodução da pobreza em Cubatão, personificada nos favelados. Mais do que identificar todos os trabalhos dos mesmos, visamos ressaltar àqueles responsáveis, em última instância, pela extensão e dinâmica da pobreza, específicas de Cubatão.

Iniciamos nossa argumentação centrados no vínculo entre essa indústria e a produção e reprodução do capital constante das demais, na medida em que uma sua fração fixa transforma-se em trabalho interno a Cubatão, remetendo à indústria em questão.

A presença da indústria da construção aparece na área principalmente com a Light e a Via Anchieta (4), que levaram alguns anos em sua construção, mas se reproduz ampliadamente com a nova produção industrial de Cubatão. As grandes indústrias petroquímicas e siderúrgicas tendo em vista o maior volume de seu capital constante, especialmente fixo, que seu processo produtivo imediato requer, além do maior volume de capital fixo autônomo necessário, na qualidade de investimentos adicionais de circulação, estruturam sua acumulação também à base de uma composição com grandes, médias e pequenas empreiteiras e sub-empreiteiras de construção pesada, montagem industrial e outros sub-setores da construção, a maioria de capital nacional, mantidas sob contrato por empreitada.

O momento histórico da acumulação do capital que analisamos define-se pela centralização crescente do mesmo, como demonstra Cubatão; contudo, a dinâmica desta acumulação comporta forças contraditórias, a exemplo da indústria da construção, envolvendo desde grandes empresas até empresas individuais, nas quais prevalece a exploração extensiva de uma vasta quantidade de força de trabalho.

Esta última dimensão do processo de industrialização de Cubatão a paisagem de certo modo esconde nas próprias áreas de produção das indústrias imediatamente visíveis. Materializa-se na paisagem enquanto canteiros de obra, com escritórios e/ou alojamentos de trabalhadores muitas vezes internos aos corpos fabris dessas indústrias (5).

Através da indústria da construção, vislumbramos a **industrialização escondida**. Como a própria existência física indica, há uma íntima relação entre ela e as outras indústrias. Responsável por uma porção das mais tangíveis de capital fixo, de tal maneira aderida à terra ou fixada fisicamente que não somente o trabalho se define necessariamente por ser de encomenda, como permanecem acopladas, em consequência dessa fixidez, sua produção enquanto mercadoria e sua utilização como meio de produção.

O que aparece como capital constante de uma esfera de produção, seus instrumentos e materiais de trabalho, que definem condições prévias de seu processo produtivo, constituem produtos de outra esfera produtiva. O resultado do processo de produção das empreiteiras de construção transforma-se em pressuposto, junto às grandes indústrias do centro produtivo. Trata-se de examinar a dinâmica da produção das primeiras a partir de suas relações com as últimas, considerando-se material e formalmente (quanto ao valor) que, através do capital constante, no produto das indústrias está contido o das empreiteiras. Em síntese,

(4) Quanto à Light já em 1926 e a Via Anchieta em 1939.

(5) Uma discussão dessas forças contraditórias, da dimensão, qualidade e esboço histórico dos sub-setores da construção, instalados em Cubatão, consta do 2º capítulo da dissertação "Da aparência do bico à reprodução do capital constante".

é o suposto revelado simultaneamente em trabalho, garantindo a presença concomitantemente dos trabalhadores diretos das indústrias e dos indiretos, que são trabalhadores das empreiteiras, sujeitos a realidade sociais distintas.

Portanto, da perspectiva da reprodução, pressupondo a divisão do trabalho entre setores produtivos, as distintas fases da forma de capital aparecem simultaneamente, tornando possível somar aos setores presentes em Cubatão, a indústria da construção. Reprodução continuamente ampliada, sugerindo um mercado crescente e renovável para esta indústria.

A constituição paulatina, a partir dos anos 50 do centro de produção de Cubatão (veja quadro 1), com as alterações exigidas no sistema de circulação (6), o consumo produtivo dos meios de produção (7), que são produto do trabalho das empreiteiras e a reinversão em capital constante, através das ampliações do corpo industrial de cada indústria em particular (8), reflete-se na reprodução da indústria da construção aí instalada, através de "obras" sucessiva e concomitantemente produzidas, definindo inclusive a própria cidade pela maciça presença, entre seus habitantes, dos trabalhadores da mesma.

Os litígios relativos a terras residenciais, estimulados pelas indústrias e o discurso sobre a região da Baixada Santista enquanto região integrada, com vistas a novos investimentos produtivos, revelam a intenção de expansão industrial na área, e, portanto, de renovação ou reprodução do mercado da construção em Cubatão. Por outro lado, as repercussões neste sentido dos riscos de desmoronamento de trechos da Serra do Mar contíguos a áreas de Cubatão, que cada vez mobilizam a imprensa, o governo e outros setores da sociedade, e podem comprometer tal expansão, não foram avaliadas pela dissertação, que as precede. Da mesma forma, não foram ponderados devidamente os compromissos políticos e ideológicos envolvidos.

O significado dessa industrialização escondida de Cubatão pode ser inferido através do cadastro dos contribuintes do ISS da Prefeitura Municipal, em que estão registradas mais de 500 empreiteiras, cujo mercado, embora não se restrinja às indústrias, abarque-as especialmente (9), quer de forma direta ou com

(6) Os investimentos na circulação manifestam-se no reaparelhamento das estradas existentes, na construção de oleodutos, como o Oleoduto Santos-São Paulo, da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, datado de 1952, e aquele ligado ao terminal de São Sebastião, de 1969, ambos para transporte de petróleo e seus derivados; de terminais portuários, como os da Cosipa e da Ultratértil, do final da década de 60, respectivamente, de minérios e fertilizantes; através de novas estradas como a rodovia Pedro Taques, a Cubatão-Guarujá, passando pela Piaçaguera, junto às indústrias, a via dos Imigrantes, e de ferrovias, como a extensão da Estrada de Ferro Sorocabana (atual Fepasa). Atingindo ramais, terminais e extensões, quando não diretamente, as grandes unidades industriais e o sistema portuário de Santos. Este sistema de circulação ampliado no pós-50, monopolizado pelas próprias indústrias e pelo Estado, por meio de empresas de transportes, guarda estreita relação com o centro produtivo de Cubatão, ao mesmo tempo que realinha sua qualidade anterior de relação entre São Paulo e Santos, em face da existência do porto, do turismo, além da expansão recente da industrialização em toda a Baixada Santista.

(7) O consumo industrial dos elementos da produção nos coloca a questão do processo diferenciado de circulação dentro da produção dos diferentes componentes do capital constante: fixo e circulante. No último caso, referente às matérias primas e matérias auxiliares, seu consumo é mais rápido que o do capital fixo, de cuja fração tratamos. O consumo do capital fixo se dá fracionadamente, ao longo dos anos. Sua reprodução refere-se ao ritmo de seu desgaste. Na Cosipa, onde existem dois altos-fornos, ambos reformados, seu período de desgaste médio foi de 10 a 12 anos. O importante a recuperar é a idéia do ritmo fragmentário do desgaste dos vários tipos de capital fixo, na medida em que interfere na organização do trabalho e reproduz-lo, bem como em sua aparência.

Por outro lado, há que ter em conta um trabalho contínuo de manutenção de edificações e maquinaria também executados pelos sub-setores da construção mencionados (de modo geral, esta manutenção ainda inclui empreiteiras de vigilância, limpeza, etc.). E, é aqui que aparece mais claramente a dimensão real da idéia do "bico", trabalho avulso, muitas vezes de curtíssima duração: pequenas reparações e outros serviços, feitos em dias ou poucas semanas. Recebem da parte dos trabalhadores a designação de "paradas" (veja dissertação páginas 50 a 53).

(8) As ampliações e novas construções industriais em Cubatão apresentam um ritmo determinado, em última instância, pela acumulação do capital em face das características e restrições de como se desenvolve no Brasil e dos interesses específicos referentes a Cubatão (a nível da dissertação, exemplos de ampliações do corpo industrial, das páginas 57 a 61 e retratados na carta de Cubatão).

(9) O período abarcado pelo cadastro vai de 21/07/1967 a 10/11/1983 e está sujeito a um código de atividades com uma margem de engano de 20%. Por outro lado, muitas empreiteiras, em particular as envolvidas em contratos de curta duração, trabalham no município sem pagar o ISS, tornando sua estadia em Cubatão clandestina. Registram seus trabalhadores fora da cidade, dificultando-lhes, inclusive por isso, a defesa de seus direitos trabalhistas.

um quadro de sub-emprego, inclusive de sub-empregadas de elementos de produção, quer relativas à força de trabalho ou ao aluguel de máquinas e equipamentos. Dentre estas empregadas, que remetem sobretudo a empregadas de construção, selecionamos por volta de 60 grandes empresas apresentadas no quadro 2 (ver anexo).

Ainda que o mercado da construção em Cubatão se renove e amplie, a ponto de falar-se de empregadas permanentes, este vivifica dentro do cotidiano de uma demanda variável, concretamente traduzida por "obras" diferenciadas, quanto a sua quantidade e qualidade. Segundo fontes do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Santos, seção Cubatão, antes dos anos 80, mais exatamente antes de 1982, quando a crise econômica se agrava, havia em torno de 100 empregadas trabalhando simultaneamente em Cubatão, as maiores reunindo até 4000 trabalhadores. Em fins de 1983, eram perto de 30 empregadas, com uma média de no máximo 500 trabalhadores por empresa.

Dadas as proporções, rotação e valorização lentas dos produtos da construção, para viabilizar-se como indústria necessita locomover-se. Como contraponto à imobilidade e durabilidade de seus produtos surge a mobilidade da indústria que os produz, traduzindo-se no fracionamento de seus centros de trabalho, que são proporcionais às "obras" em realização pela mesma; obras estas, muitas vezes, subdivididas, valendo-se da sub-emprego, à vista da agilização do processo de valorização de seu capital. As empresas estão simultaneamente em várias localidades do país e fora dele (dissertação, anexo II).

Esta estrutura da indústria da construção visa assegurar a continuidade da produção das empregadas, descentralizando-a espacialmente em função da demanda. Ela se mobiliza, assim como a seu trabalhador. Nele recaem os problemas próprios, no limite último, dessa descontinuidade; face real da ideologia do "bico", quanto a Cubatão, e que nesta qualidade pode ser ultrapassada, considerando-se: a descontinuidade, em especial, nos limites da reprodução do capital constante dos ramos de produção aí instaladas, particularmente da porção afeta à construção; e as formas de exploração da força de trabalho desta indústria, que a acentuam.

O trabalhador da construção, chamado de "pião" ou "peão" ou ainda "pião de obra", definido assim, inclusive, pela rotatividade do trabalho e seu caráter nômade, vive, de modo geral, o cativo da indústria da construção, migrando frequentemente de uma empresa a outra e de um lugar a outro, dentro do espaço de trabalho desse ramo de produção. E a migração constitui exatamente uma forma de renovar esse cativo, no contexto de um trabalhador preso a uma remuneração irrisória e, como trabalhador temporário, ao cotidiano de um mercado de trabalho sempre a alcançar.

Em Cubatão, reconhecemos claramente um processo de estabilização de parte dessa força de trabalho, a propósito da constância relativa do mercado de trabalho disponível, cujo modo de permanência privilegiado se consubstancia em favelas ou demais núcleos pobres. Parte essa dificilmente mensurável em face do total, que apenas brevemente se aloja na cidade, em geral em alojamentos ou repúblicas, estas últimas internas ao centro urbano.

No convívio com a cidade, vivenciamos o clima da importância da indústria da construção e de seus trabalhadores (ou dos trabalhadores de empregadas, algumas de serviços de alimentação, limpeza, etc.); não apenas junto às favelas, como à porta do Posto de Atendimento do Sine-SP (10), ao lado da Igreja Matriz, onde milhares desses trabalhadores se reúnem a espera de seu cadastramento, como a esperança de um novo emprego, ou mesmo no Comitê de Luta contra

(10) O Sine - Sistema Nacional de Emprego -, instituído em 1975, pelo Decreto-lei 76.403, sob a coordenação do Ministério do Trabalho, atua como agência pública de "colocação de mão-de-obra". Funciona em São Paulo desde novembro de 1977, incorporado diretamente à Secretaria de Relações do Trabalho, que mantém um posto de atendimento em Cubatão.

o Desemprego de Cubatão, no qual eram a maioria (11). Independente do caráter definitivo ou não de sua estada em Cubatão, dados da Cósipa (dissertação, tabela 5) chegaram a retratar, excetuando-se os dos serviços de manutenção, mais de 18 mil trabalhadores da construção em 1981, número superior ao volume de trabalhadores diretos desta indústria, que não ultrapassa 15.000 trabalhadores (veja Trabalhadores Permanentes das Principais Indústrias, dissertação, tabela 2).

Informações do IBGE, referentes à população economicamente ativa em Cubatão, datadas de 1980, evidenciam a porção relativa à indústria da construção (12.407 pessoas), frente a outras atividades industriais (7.002 pessoas) e demais atividades, afetas ao que se caracterizou como setor terciário, cuja soma não vai além do total da indústria da construção, perfazendo 12.001 pessoas; que, mesmo face ao total geral se conserva expressivo, exatamente 39,3%.

Apesar da elasticidade do conceito, da possibilidade de conter problemas de concepção que subestimem o total referente à indústria da construção, discutidos durante a dissertação (pp. 96 e 148, nota 19), este pode ser um dado aproximado sobre trabalhadores residentes em Cubatão, por tipo de atividade, sobretudo em termos relativos, já que o censo discrimina "às características da mão-de-obra" segundo a população residente. A tabela 1, sobre o movimento do mercado de trabalho em Cubatão, afeto ao Sine-SP, comprova a predominância da indústria da construção, não obstante referir-se a uma momento de crise econômica e desativação de inúmeras empreiteiras (12).

A indústria da construção é apontada como absorvedora de migrantes vindos às cidades, sem profissão definida ou qualquer qualificação passível de aproveitamento de acordo com os padrões de suas estruturas produtivas, especialmente aqueles de procedência rural, que encontram nessa indústria uma forma de integração. Para além dessa caracterização, foi possível definir o movimento da população deslocada para Cubatão como um movimento cuja direção, de certa forma e em certa medida, sofre a determinação da indústria da construção, implícita ou explicitamente. Portanto, os destinos de Cubatão enquanto lugar de concentração de população, em especial suas favelas, está atrelada, também, a essa determinação, subestimada caso não se destaque a construção.

A análise do movimento da população em direção a Cubatão deve considerar as condições históricas que a precederam e as produzidas pela industrialização. De um lado, a parca população reproduzida pelas atividades anteriores à formação do centro industrial petroquímico-siderúrgico, população até 1940 basicamente rural, voltada em especial à plantação de bananais. Por outro lado, o processo de industrialização deve ser examinado enquanto processo de reprodução ampliada do capital, que necessita de uma população trabalhadora crescente, mesmo que não respeite necessária, especialmente em todos os momentos aos trabalhadores diretos das indústrias petroquímicas e siderúrgica. E, exatamente a reprodução do capital nestas empresas comportam, como vínhamos falando, uma massa de trabalhadores da indústria da construção pesada, montagem industrial e outras; além da expansão necessária da população voltada aos serviços e ao comércio, ligados diretamente ao processo industrial, à reprodução da força de trabalho residente em Cubatão, à cidade de maneira geral. Em nossa opinião, Cubatão da industrialização pós-50 alimentou-se e alimenta-se de uma população migrante, dirigida em grande parte para e pela indústria da construção. Dos 78.652 habitantes de Cubatão em 1980, 58,4% não eram naturais do município.

(11) Formado em fins de 1982, o Comitê de Luta contra o Desemprego de Cubatão, foi desativado em fevereiro de 1984. Fez parte de um processo de organização dos desempregados, que passou a se desenvolver em São Paulo e que reuniu em setembro de 83 no "Acampamento dos Desempregados", instalado no Parque do Ibirapuera, na Capital, comitês da Grande São Paulo e cidades ao redor. Entre os que vieram ao acampamento, representando Cubatão, dos 22 cadastrados, 20 declararam a profissão, destes 17 ou 85% trabalhavam anteriormente em empreiteiras de construção.

(12) A construção pesada, a montagem industrial e outros sub-ramos da construção, tendo em vista sua própria produção ser diretamente um fator da reprodução do capital, através de novos investimentos em capital fixo, somada ao fato de ser um trabalho por encomenda ou empreitada, estão particularmente sujeitos às crises da acumulação do capital.

**TABELA 1**  
**Cubatão**  
**PROCURA E OFERTA DE FORÇA DE TRABALHO**  
**1983**

VAGAS OFERTADAS											
RAMOS PRODUTIVOS											
CONSTRUÇÃO CIVIL											
DATA	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	PRINCIPAIS OCUPAÇÕES					TOTAL	COMÉRCIO	SERVIÇOS	TOTAL	
		TRABALHADOR BRAÇAL	MECÂNICO GERAL	ELETRICISTA	SOLDADOR	CARPINTEIRO					
JANEIRO	36	156	7	6	2	54	371	14	20	441	
FEVEREIRO	-	126	143	103	59	10	589	18	14	621	
MARÇO	-	149	41	2	15	5	261	6	19	286	
ABRIL	-	83	9	5	18	45	261	14	36	311	
MAIO	-	124	8	5	19	13	246	13	158	417	
JUNHO	-	45	15	65	61	20	385	4	18	407	
MÉDIA	Nº	6	114	37	31	29	24	352	11	44	414
	%	1,4 (1)	32,3 (2)	10,6 (2)	8,8 (2)	8,2 (2)	6,9 (2)	85,1 (1)	2,8 (1)	10,7 (1)	100,0

Fonte: Mapa Mensal de oferta e procura de mão-de-obra, SINE-SP., Posto de Atendimento - Cubatão

- 1) Percentuais referentes ao total geral das vagas ofertadas
- 2) Percentuais referentes ao total de vagas da construção civil

O discernimento da indústria da construção e de sua importância, no contexto das indústrias de Cubatão, remete à necessária discussão do movimento da população regido por uma rede não oficial de aliciamento de trabalhadores, verdadeira espinha dorsal dessa indústria para a obtenção de suas condições subjetivas de trabalho, condizentes com a manutenção de taxas de exploração do trabalho exorbitantes e com a demanda variável e instável do mesmo nas empreitadas. Permitindo, assim, superar a idéia de levas de migrantes que, como excedentes da necessidade de trabalho das demais indústrias, são aproveitadas pela indústria da construção. Dentro desse quadro de arregimentação de trabalhadores define-se uma forma de migração dirigida, discriminada em deslocamentos indiretos, ou implicitamente, e diretos, ou explicitamente, produzidos.

A migração dirigida indiretamente pode ser sugerida a partir de uma corrente de informações sobre as novas empreitadas, reproduzidas entre os trabalhadores da construção e determinada pela própria organização do trabalho junto às empreiteiras: reunidas em blocos de mais de uma centena delas, numa mesma grande "obra", absorvendo temporariamente milhares de trabalhadores, e, ao mesmo tempo, concomitante e ininterruptamente envolvidas em outras "obras". Neste sentido, através das "obras" em realização reflete-se uma rede de fluxos de informação e migração possíveis, que cobre todo o país.

Tivemos oportunidade de verificar em depoimentos essa forma de migração, indiretamente dirigida, através de comentários vinculando a vinda a Cubatão, ou a saída eventual para outros lugares, ao aviso de "colegas" sobre novas empreitadas, ou mesmo a uma circuito familiar de informações, sobreposto ao primeiro mencionado, quando mais de um membro da família é "peão". Evidentemente, embora não restrito a essa estruturação do trabalho ou das "obras" dentro da indústria da construção, o aliciamento direto da força de trabalho feito pelas próprias empreiteiras, transferindo-a para novos locais de trabalho, que aqui caracterizamos como migração dirigida direta, aproveita-se dela também.

Sobre a migração dirigida direta, além das formas de recrutamento similares à oferta de emprego em geral, tais como, anúncios em jornais e rádios, tabuletas à porta das fábricas e nos canteiros de "obras" em particular, agenciamento em escritórios de representação das empresas, etc.; observam-se expedientes mais grotescos de sujeição do trabalho, no mercado de "peões", denunciado por vezes como "mercado de escravos". Na espreita do término de "obras", do final de safras e outros fatores que aqui e ali cotidianamente dispensa trabalhadores; aportando em lugares onde se aglomeram homens empobrecidos, rodoviárias ou subúrbios de grandes cidades, praças e outros pontos de reunião de cidades ou núcleos menores; utilizando-se de peruas ou ônibus; recrutadores, como prepostos de empreiteiras de construção, percorrem todo o país, especialmente o nordeste brasileiro, munidos de promessas de bons salários, comida e alojamento gratuitos, aliciando milhares de trabalhadores. Os contatos são apenas verbais, muitos trabalhadores não portam inclusive documentação pessoal, especialmente a Carteira de Trabalho, estando vulneráveis aos demais desmandos dos "gatos" (designação do agenciador de trabalhadores), que criam até formas de endividamento do "peão", para mantê-lo cativo. Muitas das formas de recrutamento da migração dirigida direta reproduzem igualmente o mercado de trabalho da construção interno a um lugar determinado, já que, coincidindo ou não com o término das "obras", um massa constante de trabalhadores é liberada, e se vê obrigada a lutar novamente por sua inserção neste mesmo mercado.

Apesar da reprodução continuada do mercado da construção em Cubatão, esta "cidade de peões", periodicamente disponíveis, guarda a tendência contraditória a expulsá-los, por pouco tempo ou não, arregimentados para novos locais de trabalho; em particular, embora não exclusivamente, por empreiteiras instaladas, também, em Cubatão.

Em Cubatão, o "mercado de peões" se consubstancia em essência através das portas das fábricas, especialmente as da Cosipa, além do Sine, enquanto agência pública de trabalhadores, e escritórios de agências privadas ou "empreiteiras de locação de mão-de-obra". Na realidade, em 1981 vetou-se, através de lei municipal, o chamado "Mercadão" (para os empresários da construção) ou "Praça da Alegria" (para os "peões"), que reunia em plena rua "gatos" e "peões" (13), nas proximidades da Igreja Matriz, movidos pela compra e venda de força-de-trabalho.

Coerente às relações capital-trabalho internas à indústria da construção, o comércio de "peões" ou de trabalhadores em geral, do qual fazem parte os "mercados" de Cubatão, está entre os mecanismos que as reproduzem. Ele vem ao encontro não tão somente da variabilidade do volume de força-de-trabalho necessária à produção neste setor, através do recrutamento diário de novos trabalhadores, mas também das formas de exploração do trabalho produzidas e articuladas a partir dessa demanda aleatória; servindo, ao mesmo tempo, à manutenção de uma população trabalhadora excedente em Cubatão e para atrair trabalhadores de menor custo, que, por sua vez, favorecem a rotatividade elevada do trabalho, de emprego temporário, e sua remuneração irrisória, características das relações mencionadas.

Além dessas formas de interferência diretas e explícitas ao movimento da população trabalhadora de lugar a lugar, esboçemos, em grandes linhas, outras formas de subordinação e exploração do trabalho, dentro dessa indústria (dissertação, pp. 110 a 126).

Considerando sua organização do trabalho, temos o trabalhador sujeito à combinação contraditória de uma ocupação de caráter intermitente, de extensas jornadas de trabalho, refletindo a acomodação entre a natureza histórica de seu produto e o desenvolvimento de condições jurídico-políticas e econômicas de superexploração da força-de-trabalho. Neste último sentido, essa combinação pode ser mais apropriadamente traduzida como a manutenção de uma parcela de trabalhadores enquanto excedente ou superpopulação "temporária", e outra trabalhando exaustivamente; condição para a reprodução precária desses trabalhadores.

Portanto, a vida do "peão" em Cubatão se reproduz como luta pela sobrevivência, que contém periódica e permanentemente a luta por sua própria condição de trabalhador, ou sua reprodução normal enquanto tal, materializada no "mercado de peões". Observamos a variação do número e empresas contratadas, ao nível inclusive de uma mesma "obra", até seu término; a demanda variável de sua força-de-trabalho, em termos absolutos, assim como sua instabilidade relativa: alternância entre "setores de obra" (subdivisão da "obra") e, em um mesmo setor, entre empreiteiras, resultando em diferentes contratos de trabalho, a que se submete muitas vezes um mesmo trabalhador, no decorrer da "obra", intermitentemente exposto a períodos de desemprego de dias, semanas ou meses.

Os limites do desemprego periódico são elásticos, variando sob a influência da demanda e oferta de trabalho e de flutuações particulares, decorrentes da especialização do trabalho requisitado, obrigando o "peão" neste caso, como estratégia de sobrevivência, a alterar sua ocupação original. Como intervalos extremos desse desemprego, tem-se de dias ou semanas, em momentos de expansão do mercado de trabalho, a meses ou ano, em momentos de crise, como os do início da década de 80.

Enfim, parafraseando José de Souza Martins, a respeito do boia-fria, os "peões" são "trabalhadores permanentes temporários". De modo geral, poderíamos afirmar que estes trabalhadores resistem no emprego geralmente até 3 meses, ou pouco mais.

---

(13) Veto que atinge apenas as vias públicas municipais.

Em nome da natureza do produto que produzem, viabiliza-se a temporalidade como mecanismo institucionalizado de exploração, para o qual concorrem: a organização mesma das empresas, no âmbito da "obra" ou de conjunto de "obras" — aqui nos referimos, em especial, à construção pesada e montagem industrial e seu mercado num centro industrial como Cubatão — tornando possível o vaivém do trabalhador entre empreiteiras e sub-empreiteiras envolvidas; a utilização tendenciosa ou burla da legislação trabalhista, quando esta, de modo claro, não lhe confere o poder para tal (14); as dificuldades da solução judicial da ação trabalhista, como a morosidade do processo, combinada a formas de intimidação do trabalhador, que a ela recorre; etc.

Com vistas a abreviar o tempo de trabalho e reduzir a remuneração de seus trabalhadores, as empreiteiras, independente do término da "obra", dispensam inúmeros deles. Através dessa prática, diminuem as indenizações trabalhistas correspondentes, ao mesmo tempo reproduzindo formas de fraudá-las; além disso, renova-se a possibilidade de um novo contrato a menor custo. Restabelece-se ininterruptamente a concorrência entre os trabalhadores no "mercado de peões" (veja dissertação, pp. 113 à 123).

Foi unânime a observação de "peões" com várias carteiras de trabalho, frequentemente não preenchidas de forma integral; elas não só correspondem aos inúmeros contratos de trabalho pelos quais passaram (junto a diferentes empreiteiras, mas com reincidência intercalada de algumas), como demonstram uma estratégia de sobrevivência do trabalhador, sob o impacto das flutuações do mercado de trabalho existente. De um lado, os trabalhadores não querem "rebaixar a carteira de trabalho" atualizada, através do registro de ocupações e salários inferiores aos precedentes. No "mercado de peões" se valoriza a prática profissional medida, independente dos testes, também a partir dos empregos registrados e dos salários já obtidos. De outro, a emergência da sobrevivência, em um mercado instável e competitivo, obriga-os a aceitar os empregos disponíveis. Diante dessa situação real, mais de uma carteira de trabalho garante certa flexibilidade entre amoldar-se às necessidades do mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, persistir na luta pela obtenção de melhores salários.

Refletindo sobre os dados fornecidos pelo Sine-SP, referentes a algumas ocupações e os salários correspondentes, de janeiro a junho de 1983, pudemos constatar que grande parte dos "peões" enquanto ajudantes (na tabela 1 definido como trabalhador braçal) percebe menos de 2 salários mínimos; os demais, na condição de "oficiais" (designação do trabalhador qualificado em geral) não ganham além de 4,3 salários mínimos, havendo uma concentração na faixa de 2 a 3 salários mínimos. Excetua-se o encarregado com salário superior a 5 salários mínimos.

Comparativamente, no mesmo período, o salário do ajudante industrial, enquanto trabalhador direto da Cosipa, era praticamente o dobro dos que trabalhavam em empreiteiras de construção, equiparando-se aos de seus "oficiais".

A variação real dos salários dos "peões" não permanece necessária e rigorosamente nos intervalos mencionados, pode transpô-los aquém, ou eventualmente, além. Inclusive, merece menção, para caracterizar os limites drásticos da exploração do trabalhador nesse setor, o erro no pagamento como comportamento institucionalizado dentro da indústria da construção, burlando a contagem das horas trabalhadas, ou mesmo não pagando corretamente o acréscimo devido pelas horas extras.

(14) Como exemplo extremo temos a Lei nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, regulamentada pelo Decreto nº 73.841, de 13 de março do mesmo ano, que institui o regime de trabalho temporário, constituindo-se em arcabouço jurídico da criação de empresas de trabalho temporário e do contrato de trabalho temporário. Na figura desse trabalhador temporário, o "peão" se encontra ainda mais distante dos direitos legais dos trabalhadores em geral. Empregado por um período não superior a 3 meses está sujeito a indenizações frequentes, que por sua vez, são irrisórias, face, inclusive, aos demais contratos.

Acoado por baixos salários e pela necessidade de manutenção do emprego enfim conquistado, esse trabalhador se vê obrigado a aceitar as horas suplementares de trabalho, que segundo nossa pesquisa chega a atingir 16 horas de trabalho. Corroboraram com as formas de exploração e subordinação do trabalho que afetam aos "peões" o vazio real de sua expressão política; uma conclusão que se restringe a observação recente e localizada da questão, e que abstrai manifestações esporádicas dos mesmos.

O Sindicato dos Trabalhadores da Construção e do Mobiliário de Santos, cuja base territorial inclui Cubatão, além de Santos, Guarujá, São Vicente, Praia Grande, Mongaguá e Itanhaém, fundado em 1938, tem uma história em Cubatão que se superpõe, especialmente, ao período de obscurantismo e repressão política instaurado em 1964, quando sucumbiu à intervenção do Estado e foi encampado por interesses patronais, libertando-se segundo alguns sindicalistas, somente a partir da gestão inaugurada em fevereiro de 1983. As manifestações dos trabalhadores da construção de Cubatão, datadas de novembro de 1984, foram definidas em jornais como "primeira greve do setor desde 1964".

A nosso ver, a figura do trabalhador da construção remete à população relativamente mais empobrecida de Cubatão. Relativamente, face a sua importância como morador dessa cidade, vinculada às formas históricas de crescimento da mesma, por sua vez, sob a determinação contraditória da reprodução do capital das indústrias que abriga. Cidade que se transformou e cresceu com as indústrias, mas ao mesmo tempo foi sendo cerceada enquanto tal por elas; definindo-se, em última instância, como uma contradição a sua necessidade de espaço e como um centro urbano reduzido e redutor de vida, tornado "Vale da Morte", por seus altos níveis de poluição. Relativamente também, como vimos, dados os limites comparativamente menos elásticos da reprodução da pobreza, junto às demais indústrias (15).

Somente agora, sem comprometer a especificidade de Cubatão, é possível encarar aí a questão da favela propriamente. A passagem do trabalhador que privilegiamos na análise, isto é, o "peão", à questão da favela está na tentativa de compreender a partir de que momento e porque, em Cubatão, os baixos salários deste trabalhador – bem como de outros com recursos similares – passaram a interferir na sua condição de morador ou na condição de sua moradia, de forma a torná-lo favelado; ou melhor, também e especialmente favelado.

De forma preliminar é preciso considerar que não era nosso objetivo – dado a caráter artesanal da pesquisa e a complexidade do tema –, ou sequer tivemos oportunidade através de fontes secundárias, medir com precisão as quantidades e percentuais da relação trabalhador da construção – favelado. De qualquer maneira, para os "peões" e favelados entrevistados normalmente seus colegas de trabalho, residentes em Cubatão, são favelados, bem como seus vizinhos "peões".

O quadro 3, "acrobático" tendo em vista as dificuldades neste sentido, reúne as informações disponíveis, cedendo à necessidade de confirmar tal afirmação, bem como sistematizar o material empírico sobre as favelas e demais núcleos pobres. Quanto ao significado da população favelada em Cubatão, o IBGE, apesar das restrições de sua concepção de favela (16), identificou, em 1980, 8 núcleos, com uma população de 15.038 pessoas, ou 19,12% da população total de Cubatão. O Censo Escolar, realizado pela Prefeitura Municipal, definiu, em 1979, 21 aglomerados pobres, com um total de 23.018 moradores, o que representava por volta de 30% da população do município. Atualmente já se fala na

(15) Os níveis de exploração do trabalho na indústria de fertilizantes são similares aos da construção, contudo numericamente seus trabalhadores são relativamente menos expressivos.

(16) Foi considerada pelo IBGE como favela o aglomerado com no mínimo 50 domicílios, em sua maioria dotados de infra-estrutura carente e geralmente localizados em terrenos não pertencentes aos moradores. Presume-se que tenham sido deixados de lado os núcleos de favelas de pequenas dimensões e os aglomerados pobres não desenvolvidos a partir de invasão de propriedade alheia.

metade da população de Cubatão como residente em núcleos pobres; em especial favelas.

Esta realidade urbana pode ser traduzida como exploração indireta, já que inserida no processo de exploração de um "exército" sempre ampliado de trabalhadores, envolvendo especialmente ao trabalhador da construção.

Dentro da ótica da produção do espaço em Cubatão, no que respeita à indústria da construção, podemos refletir na riqueza produzida, através da reprodução do capital constante, e do ponto de vista da apropriação resultante, na pobreza refletida pelas favelas. Contrariamente, boa parte dos trabalhadores da construção produz sua moradia, de forma individualizada, fora do âmbito dessa indústria (daí, inclusive, o peso relativo da indústria de construção pesada e montagem industrial em Cubatão), tornando possível, pela redução dos gastos de habitação, a reprodução desses trabalhadores nos limites máximos de exploração.

Se Cubatão enquanto centro produtivo reproduz a permanência de parte significativa de "peões", as favelas desvendam este caráter perene. Contraditoriamente, as condições desse homem como morador remetem à precariedade de sua casa, ao medo de ser desalojado, à luta pela posse do terreno, etc. – e através delas podemos inferir suas condições de vida de modo geral, já que a habitação representa um nível vital de consumo. Do ponto de vista do cotidiano de quem fica, portanto, essa permanência se expressa através da instabilidade existencial, da exploração de que é vítima, e que ultrapassa os limites da fábrica.

Subjetivamente, a favela constitui-se na negação virtual do cativo da construção, consubstanciada no sonho de trabalhar nas demais indústrias, em emprego permanente e de melhores salários, que a permanência sedentária do "peão" em Cubatão desperta. As tentativas reais neste sentido são em geral frustradas; inversamente, as indústrias em questão tendem a diminuir seu quadro de trabalhadores diretos.

Retomando o eixo condutor da discussão da favela, para explicá-la como solução de moradia, pressupondo imobilizadas as condições de pagamento desse morador, já qualificado como homem de poucos recursos, desembocamos na restrição determinada pelo preço do morar.

O preço do morar se encarece, ou mesmo se constitui, com a valorização da terra, paralela ao desenvolvimento desse centro produtivo. Enquanto valorização diferencial da terra torna possível, nos segmentos de espaços menos valorizados, de modo geral, terrenos de mangues e morros, o surgimento de favelas. O que aparece como áreas de difícil ocupação – e, portanto, valorização – do ponto de vista da reprodução da moradia e do morador, define-se, neste sentido, como possibilidade de morar em Cubatão. E o trabalhador com menos recursos é relativamente mais cativo da proximidade de seu local de trabalho, em decorrência de seu salário irrisório, dos custos de transporte que, em particular, pesam em seu orçamento; e, no caso do "peão", soma-se a necessidade de estar perto do "mercado de peões" e as jornadas prolongadas de trabalho reduzindo ainda mais seu tempo de locomoção. Embora, em termos micro-espaciais, ou no que respeita às áreas mais urbanizadas, seja sobretudo um habitante da periferia da cidade.

Independente de como aparece ao nível das histórias pessoais de trabalhadores particulares, a favela e o favelado se inserem no contexto de uma história de expropriação e segregação, a que o morador pobre de Cubatão está sujeito diante do processo de valorização da terra.

De início, ou na década de 50, considerando-se o período de desenvolvimento do centro industrial, ele conseguia inclusive ser proprietário da terra, e da casa, que improvisava, em loteamentos como os de Vila Parisi e Jardim São Marcos, de final da década, distantes do centro urbano tradicionalmente constituído, e relativamente próximos, inclusive a propósito, das fábricas em construção e projetadas ao redor; ou mesmo em alguns bairros da cidade propriamente. "Era uma época em que Cubatão foi vendido para quem ganhava salário mínimo".

Em menos de uma década, na segunda metade dos anos 60, surgem favelas como as de Vila Siri e Vila São José (para não mencionar o caso de Areais, praticamente concomitante à Vila Parisi), e, a partir desse momento, o processo de expropriação tenderá a se acelerar, vislumbrado através da proliferação e crescimento das favelas (verifique o quadro 3 no anexo).

De modo geral, a condição de favelado não tem um caráter passageiro, trata-se exatamente do inverso, sua estada na cidade, enfrentando o encarecimento dos aluguéis, cedo ou tarde, mais cedo do que tarde, leva-o às favelas; se há mobilidade, esta se verifica enquanto migração inter-favelas. Nos jornais, nas entrevistas, repete-se a constatação de moradores tão antigos quanto às próprias favelas, onde se instalaram.

Além disso, a história de exploração, em Cubatão, não se esgota nos aluguéis caros e na decorrente expulsão de parte da população para as favelas, como o morar possível, e também transcende, embora não exclua, os conflitos particulares entre os proprietários das terras invadidas e a população que as conquistou; abrange, também, a tentativa de extinção de espaços periféricos e pobres, procurando esterilizar a propriedade da terra legalmente constituída, nos núcleos onde esta exista. Especialmente em meados dos anos 70 e nos anos 80, essa história de expropriação passou a se confundir, de uma forma mais genérica – embora sempre a tivesse em seu bojo –, com a tentativa de açambarcamento pelas indústrias dos espaços necessários à expansão industrial. Portanto, seria redutor examinar as favelas a partir de um conceito de áreas pobres invadidas. De certa forma, há um **processo de favelização tático**, atingindo outros núcleos – reduzindo-se inclusive os investimentos em serviços urbanos, desvalorizando-se os preços da terra, etc. – tendo em vista, nos conflitos de terra entre as indústrias, e seus representantes, e os moradores dos mesmos, tornar frágil a estes últimos.

Neste mesmo sentido, o Plano Habitacional da Cotia Pará, também chamado Nova Cubatão ou Projeto Zanzalá (17), promovido pela Prefeitura Municipal de Cubatão, por volta de 1976 e abandonado em 1982, objetivando a construção de cifras variáveis e grandiosas de casas populares, noticiadas desde 20.000 unidades até 2.000, exatamente dez vezes menos, em princípio, estaria em sintonia com os interesses das principais indústrias desse centro produtivo, pois vinha em resposta a um plano de desfavelamento que envolvia a remoção de favelas de demais núcleos pobres, indistintamente designados enquanto favelas.

Quanto às favelas “beneficiadas”, com base apenas nos jornais da época que tivemos oportunidade de selecionar, foram as seguintes as citadas: Vila Parisi, Vila São José, Vila Siri, Ilha de Caraguatá, as favelas-cotas, Sítio do Pica-Pau Amarelo e Itutinga.

Para a seleção dos núcleos pobres – favelados ou não – existentes em Cubatão, arrolados no quadro 3, nos mantivemos a reboque do material existente a respeito; isto é, as pesquisas socio-econômicas desenvolvidas pela Prefeitura Municipal de Cubatão. Tais pesquisas surgiram ao mesmo tempo e, concluímos, até certo ponto, em função do Plano de Desfavelamento.

Assim, incluímos no quadro 3, além das favelas, outros núcleos pobres: pela identidade da pobreza das casas e os serviços urbanos; por eventualmente, acomodarem barracos, fruto de invasão de alguns de seus espaços livres restantes; e/ou por resumirem os núcleos residenciais tornados, de certa forma, ilegais, diante da ameaça de extinção.

Podemos falar aqui de insucesso parcial da expropriação no sentido de que ela adquire paralelamente o caráter oposto de espaços apropriados por essas camadas de população pobre, que a dinâmica da valorização da terra, atrelada, em

(17) A área do Projeto Zanzalá – um quadrilátero, de cerca de 1.780 mil m<sup>2</sup>, encerrado entre as rodovias Pedro Taques, Imigrantes, Anchieta e entroncamento entre estas duas últimas vias – é cortada por rios e mangues, e apesar dos vultosos investimentos na recuperação dessa zona alagadiça, em 1984, continuava sujeita a inundações.

Cubatão, sobretudo, às necessidades advindas de sua condição de centro produtivo petroquímico-siderúrgico, passam com o tempo a incorporar. Neste sentido, a idéia de apropriação aparece como resistência à remoção dos núcleos residenciais.

Propositamente, acentuamos o caráter segregativo dos espaços selecionados, favelados ou não, definindo-os como aglomerados ou núcleos. Provavelmente os termos, aglomerados ou núcleos, não sejam rigorosamente corretos, ou mesmo corretos; talvez fosse mais prudente identificá-los como zonas periféricas ou pobres da cidade, especialmente a alguns que se confundem com a periferia da mesma.

Mas se núcleo designa agrupamento, concentração; as áreas definidas concentram a perda, a conquista e o conflito que envolvem o morador pobre de Cubatão.

Na realidade, caso levada até as últimas consequências a questão dessa forma particular de exploração, reproduzida com a industrialização pós-50, chegaremos a atingir Cubatão inteiro, na figura de um centro urbano altamente poluído, em decorrência da produção industrial e dos parques equipamentos antipoluentes disponíveis (tendo ainda como agravante a péssima manutenção dos equipamentos industriais). As emissões de poluentes afetam o ar, a água, o solo, o homem. Cada vez mais Cubatão se caracteriza como lugar hostil à vida, cuja expressão mais evidente é a maior incidência de anomalias congênitas. Essa poluição torna-se estrategicamente conveniente. Logo de início, foi responsável pela destruição de imensos bananais, provavelmente, contribuindo a desvalorizar as terras negociadas entre os bananicultores e os industriais, beneficiando aos últimos. Deve, também, ter cooperado a afugentar, enquanto moradores, em especial, os trabalhadores melhor remunerados dessas indústrias, monopolizadoras de grandes porções de terra, sempre acrescentadas, e a possível ampliação dos interesses de capitais voltados a edificações residenciais. E, hoje, serve à tentativa, acima mencionada, de remover os núcleos residenciais, considerados como de localização inadequada, em face da proximidade das indústrias em questão. Não é ao acaso que aparecem, por vezes, combinadas as lutas contra a remoção e a poluição.

Na avaliação sumária da valorização da terra em Cubatão foi realizado um esforço para reconstituir, embora de forma reduzida, a transformação da propriedade da terra relativamente pulverizada à época da bananicultura, e inclusive com muitos pequenos sítios de delimitação e situação jurídica irregulares, em monopolização de grandes glebas de terra pelas indústrias, a partir da década de 50 (dissertação, páginas 131 a 133 e 158 a 160).

Em 1974, segundo dados da Prefeitura Municipal de Cubatão (3º Boletim Informativo), 44,5% da área do município pertenciam às principais indústrias petroquímicas e à indústria siderúrgica; em termos absolutos, equivalia a 71,3 km<sup>2</sup>, para um área total de 160 km<sup>2</sup>. Esta apropriação, embora impactante, não se deu de uma vez, como as próprias datas das instalações das indústrias fazem supor (veja quadro 1); continuamente, novas áreas vêm se incorporando ao patrimônio imobiliário das mesmas. Ainda na década de 70, as indústrias químicas, próximas à cidade, adquirem fazendas e sítios para novas instalações ou ampliações. Provavelmente, no período mais recente, inclusive, com a superposição da demanda de terrenos, e as controvérsias a respeito, entre as indústrias, o comércio, as residências, etc., os preços das terras, em princípio, tenham sido superiores aos que de início enfrentaram; mas, lembremos, por outro lado, dos expedientes passíveis de serem utilizados, face ao poder econômico-político dessas indústrias, que buscam sempre reduzi-los.

As indústrias petroquímicas e a indústria siderúrgica não só monopolizam extensos espaços em Cubatão, como espaços extremamente valorizados pela incorporação substancial, e cada vez maior, de capital fixo dentro de seus limites.

De forma mais genérica, a produção do espaço em Cubatão é, em especial, voltada às suas necessidades, através das edificações industriais, do chão artificial produzido, das estradas, etc.; daí a importância relativamente maior da indústria de construção pesada e montagem industrial, em face do sub-ramo de edificações, e ainda, o peso dessas indústrias enquanto demandantes (18).

Ainda mais, o esforço de avaliação da dinâmica de valorização da terra em Cubatão se funde ao esforço de compreensão da dinâmica de reprodução do capital constante dessas indústrias, especialmente da porção fixa referente à indústria da construção. Neste sentido, desembocamos no raciocínio inverso àquele que em momentos anteriores procuramos desenvolver; isto é, a partir da produção da indústria da construção pesada e montagem industrial, ou da indústria da construção de modo geral, responsável por parte significativa da produção do espaço em Cubatão, concluímos sobre sua subordinação, em particular, ao processo produtivo das indústrias petroquímicas e da indústria siderúrgica. Estas, de ponto de partida para entendermos a presença da indústria da construção em Cubatão, tornam-se ponto de chegada.

A interferência no processo de valorização da terra não só se dá através do desenvolvimento do capital fixo incorporado à mesma, como através do contingente significativo e variável de trabalhadores, os "peões", agentes dessa produção, que na qualidade de morador definem uma demanda crescente de habitações.

Dentro da cidade propriamente, detenhamo-nos na questão da produção da moradia; em particular nos estímulos representados pela demanda dos moradores acima mencionados, que são os que, em especial, movimentam os negócios da construção de edificações residenciais em Cubatão.

Várias vezes ressaltamos que parte substancial da força-de-trabalho diretamente empregada pelas indústrias petroquímicas e pela indústria siderúrgica mora fora de Cubatão. Parece-nos compensador a estas indústrias os gastos em serviços e investimentos de transportes, que eventualmente realizam para transportar seus trabalhadores às cidades próximas, frente a preservação de Cubatão enquanto zona industrial. A localização de Cubatão, no contexto regional da Baixada Santista, criou condições para que a cidade se desenvolvesse dentro desses limites, sem comprometer a reprodução da força-de-trabalho necessária.

Sem nos determos em construções, fruto de esforços individualizados, quanto aos negócios da construção de residências em Cubatão, vejamos, em linhas gerais, as condições e restrições que os definem, tendo como parâmetro temporal os anos posteriores ao final da década de 60. De um lado, estão diante de grandes porções de terra reservadas às indústrias; cada vez mais acrescentadas, e, de extensas áreas de mangues e morros, de recuperação custosa, face às características dos investimentos referidos; resultando em espaços edificáveis restringidos e, acrescidos destas condições, ainda mais custosos. De outro, sua população demandante, relativamente aos mesmos, extremamente variável, numerosa e pobre; para quem os imóveis são, de modo geral, alugados e não vendidos.

Assim, os imóveis e terrenos à disposição, mantendo-se sempre inferiores à demanda, supervalorizam residências de péssimas condições de habitabilidade, acotoveladas em reduzidos espaços.

Proliferam-se residências enquanto pensões, repúblicas, casas, tendo, inclusive, como locatárias as próprias empreiteiras. A cidade, em determinados períodos, como em meados da década de 70, com a expansão das indústrias e a construção da Rodovia dos Imigrantes, transformou-se numa espécie de acampamento industrial.

---

(18) Em contraposição a esta afirmação, embora não a invalide, estão investimentos como os da Rodovia dos Imigrantes, que não estão particularmente vinculados a estas indústrias ou a Cubatão; tendo mobilizado, entretanto, grandes empreiteiras de construção e trazido à cidade inúmeros trabalhadores, e com eles uma demanda significativa de habitações.

Os interesses envolvidos com as construções residenciais podem estar absorvendo, embutidas nos aluguéis relativamente caros, além dos juros e da amortização dos capitais investidos, as rendas pelos terrenos sobre os quais se assentam as casas, crescentemente valorizados. Estas habitações são, por alguns deles, classificadas como incompatíveis aos altos aluguéis percebidos; por vezes, comparados aos de melhores residências, em Santos e São Vicente, próximas às praias. As últimas observações, possivelmente, refletem nossa conclusão e, além disso, justificariam, frente as condições e dificuldades relatadas, os lucros nos quais se baseiam esses negócios. Os construtores e proprietários de terra estariam justapostos numa mesma figura, explorando e reforçando a miséria dessa população, através de tais aluguéis.

Segundo Marx, tal situação é própria de cidades de rápido desenvolvimento (19), e incontestavelmente, apesar das restrições expostas, é o caso de Cubatão; o que não significa que tenda a se transformar em um grande centro urbano, mas que rapidamente deixou de ser apenas um povoado de poucas casas, com a industrialização pós-50.

A composição real da sociedade cubatense simplificada, resultado e condição do próprio processo de industrialização, aí permanecendo sobretudo os trabalhadores mal remunerados, torna possível a realização das rendas, determinadas pela valorização da terra, através desses aluguéis, mais que da venda de habitações, por pouco tempo do ponto de vista de inúmeros trabalhadores e suas famílias mas sempre se renovando pelo acréscimo constante do número de trabalhadores; exceção feita aos momentos de crise, quando diminui seu afluxo, e os que ficam, ainda mais fragilizados, vão mais cedo para as favelas.

A história de Cubatão, quanto à apropriação do espaço por esta população, é a história dela enquanto proprietária, dentro ou fora da cidade propriamente, como inquilina de aluguéis caros e casas medíocres, e a dela tomando posse das áreas, de início, menos valorizadas (20).

Pressupondo-se os salários irrisórios da população em análise, a valorização da terra, que aqui aparece no acréscimo da renda da casa, através dos aluguéis, pode ser contraposta às carências da casa e da terra apropriadas por essa população, na condição de moradora de Cubatão. É a apropriação vivenciada enquanto perda, enquanto expropriação. A casa e a terra, como a habitação humana e o seu espaço de alguma forma lhe fogem (21).

Iniciemos por considerar esse afastamento não só decorrente da carestia dos aluguéis, como em última instância, da própria qualidade de habitação a título precário, sujeita ao aluguel, seja ele mais caro em bairros centrais da cidade ou dentro da cidade, nos termos de alguns dos entrevistados, ou relativamente mais

(19) *"Nem sequer com a boa vontade de Carey é possível confundir aqui o conceito de aluguel, que inclui o juros e a amortização do capital investido na casa, com a renda do terreno exclusivamente, sobretudo quando... o proprietário de terra e o especulador urbano são pessoas completamente distintas."*  
*"...temos um exemplo de como nas cidades de rápido desenvolvimento, especialmente naquelas em que, com em Londres, a construção se explora por métodos fabris, não são as casas o verdadeiro objetivo fundamental da especulação urbana... pois o empresário obtém um lucro muito pequeno dos edifícios mesmos: seus principais lucros saem do acréscimo das rendas". (Marx, Karl, El Capital (Crítica da Economia Política), México, Editora Fundo de Cultura Económica, 1978, Volume 3, p. 718).*

(20) *E quando o processo de valorização da terra as atinge, passa a ser percebido através dos aluguéis e da venda dos barracos na favelas, da subdivisão de lotes para estes fins, dos conflitos de terra com as indústrias e com os pretensos proprietários diretos.*

(21) *"Mas o quarto de porão em que habita o pobre é um elemento hostil, uma habitação que representa um poder estranho e que só se entrega a ele sempre e quando ele a ganhar com seu suor e seu sangue", uma habitação que não pode considerar como seu lar, onde se sinta como em sua casa, mas onde se sente como em uma casa estranha, a casa de outro, que o espelha diariamente e que o expulsa se não pagar o aluguel. Igualmente, do ponto de vista da qualidade, sabe que esta sua habitação é o oposto da habitação humana do outro mundo, a dos que moram no céu da riqueza." (Marx, Karl, Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844, Bogotá, Editorial Pluma Ltda, 1980, p. 126).*

barato, no que convencionamos como núcleos pobres, incluindo as favelas (22). Tipo de habitação este, que prolifera com a subdivisão de lotes, originalmente constituídos, abrigando novas construções; em outras palavras, são, muitas vezes, cubículos, por definição de habitabilidade duvidosa – em que instalações sanitárias internas e de uso exclusivo para cada família constituem a minoria – enquanto casas, ganhando essa condição, e afastando o homem duplamente da habitação humana.

A perda da casa e da terra aparece também através da expulsão dessa população pobre da cidade, isto é, das áreas urbanizadas; que se refugia na constituição de favelas nos espaços livres ou de uso em decadência, de propriedade ou propriedades juridicamente definidas, havendo casos de superposição (veja o quadro 3), cuja resistência, enquanto tal, foi sendo efetivada ao longo do tempo, com o crescimento das favelas e a valorização de seu espaço (23), impondo, cada vez mais, maiores dificuldades a obtenção do espaço necessário à casa, sem o concurso dos aluguéis. Assim, burlam-se vigilâncias à propriedade, constroem-se sorrateira e rapidamente à noite, valendo-se inclusive de relações pessoais mantidas nos lugares almejados e possíveis. Novamente a perda, quanto a qualidade desses lugares, em grande parte morros e mangues de difícil ocupação, tendo em vista as técnicas apropriadas, e de reprodução precária da moradia e do morador. Combinado à inexistência de instalações sanitárias eficientes, os mangues são transformados em esgotos expostos, e a poluição mesma das águas pelas indústrias pode invadir através deles a cada casa; representando, portanto, um risco à vida, com a transmissão de doenças infecto-parasitárias e outras, especialmente considerando-se as casas tipo palafitas de pisos de tábuas com vãos e frestas, e os acessos ou pinguelas rudimentares, comuns a mais de um barraco, que as tornam frábil ainda mais ao alagamento, com a subida da maré.

Alguns entrevistados separaram vilas melhores e piores em função de estarem instaladas em áreas secas ou alagadas. As vilas mais características de áreas de mangues são a Vila Siri e São José. Sobre os morros, basta mencionar as informações recentes, exatamente de dezembro de 1984, de estudos do IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas – que dentre os 6000 barracos instalados nas encostas da Serra do Mar, ao longo da Anchieta (área que sofreu um crescimento acelerado do número deles), considerou a 760 sujeitos a riscos de deslizamentos; desses, 460 necessitam de estabilização de terreno e 300, apresentando risco iminente, devem ser removidos. Em 1984, já houve, por sugestão do IPT, alguns remanejamentos, desses locais para a Vila Natal (veja quadro 3); contudo, os barracos removidos eram, muitas vezes, substituídos por novos barracos.

Centremo-nos na perda da casa. Esta é vislumbrada nas condições da casa e na luta por obtê-la.

Um número expressivo ou mesmo a maioria delas é de madeira, seja nas favelas, como na Cota 95/100, que, em 1982, tinha 92,4% das casas de madeira e mais 1,9% mistas, de madeira e alvenaria e madeira e bloco; seja em outros núcleos pobres, como Vila Parisi, onde, em 1978, equivalia da 64,8% das mesmas. Construídas às pressas e com material rudimentar, isto é, nem sempre placas de madeirit, mas restos de madeira reaproveitados, conseguidos junto às empreiteiras; madeira resultante do corte de árvores ao redor, como no caso de algumas

(22) Embora nos núcleos pobres de propriedade formalmente regularizada, como Vila Parisi, a quantidade de casas alugadas, segundo as pesquisas sócio-econômicas da Prefeitura Municipal de Cubatão, seja superior a das favelas, de modo geral, a maioria delas as mantém. Uma pesquisa amostral de 1978 reconhecia por volta de 70% de casas alugadas em Vila Parisi; enquanto que, em favelas como Pica-Pau Amarelo em 1979 e Cota 95/100 em 1982 estas correspondiam, respectivamente, a 11% e 2%, do total de casas. Quanto ao preço do aluguel, um aluguel de dois cômodos na Vila São José, em outubro de 1983, equivalia a por volta de 7 mil cruzeiros ou 20% do salário mínimo vigente; enquanto que, na Vila Nova, um dos bairros de Cubatão, próximo a lavela, esse aluguel aumentava para 12 ou 15 mil cruzeiros, respectivamente, 34,5% e 43% do salário mínimo da época. Aluguéis de núcleos pobres como Vila Parisi são comparáveis aos de Vila São José.

(23) Muitas vezes, o exercício real dessa propriedade se dá ao nível dos donos de barracos de aluguel.

casas do Pica-Pau Amarelo; fruto de doações da Prefeitura Municipal, etc. Muitas dessas casas chegam a ser, de tal forma frágeis que, em Vila Natal, entrevistados mencionaram a necessidade de saírem de suas casas quando o vento era forte e, prostrados juntos à estrada, esperarem-no passar. A natureza se manifesta poderosa diante dessa pobreza. E as casas mais acentadas, de alvenarias, de blocos, em geral, são igualmente pobres, pequenas e pouco arejadas; passíveis de combinações contraditórias como a do Morro do Piche-chapadão preto, visível ao final da serra, junto a pista ascendente da via Anchieta – em que tais casas de material mais resistente estão instaladas em terrenos de risco iminente de deslizamentos. Ainda, é possível viver em terreno firme, em casas de zinco pequenas e quentes. São residências ou pedaços de residências, alugadas na cidade e nos núcleos citados, que muitos favelados rejeitam quando comparadas a seus barracos.

A luta pela casa envolve a tentativa de arranjar o material necessário gratuitamente ou adquiri-lo a prestação, geralmente, em quantidades reduzidas, apesar do esforço do pagamento parcelado. De qualquer maneira, reconstruir novos barracos ou ampliar os já existentes apresenta dificuldades. No remanejamento dos barracos em Vila Natal, executado pela Prefeitura Municipal e os moradores da vila, estas são sentidas ao se perder parte do material na operação e precisar repô-lo.

Os resultados miseráveis dessa situação descrita são espaços favelados, apinhados de casas, de dimensões ínfimas, em que a maioria não vai além de 30m<sup>2</sup>.

Das formas de perda abordadas, desembocamos na perda da cidade, enquanto concentração de serviços e equipamentos urbanos, já que estamos diante de núcleos pobres e desurbanizados, que, por definição, na qualidade de espaços segregados e periféricos, consubstanciam essa perda. De fato, as carências dos serviços não lhes são exclusivas, nem absolutas; contudo, neles aparecem concentradas, especialmente nas favelas.

Os equipamentos, quando existem, foram obtidos, em geral, com o crescimento das favelas e a pressão das reivindicações de seus moradores; enquanto eles não vêm, muitas vezes, soluções artesanais e coletivas são improvisadas pelos mesmos moradores. A água encanada e a luz podem ser observadas em algumas dessas favelas e demais núcleos pobres; contudo, são serviços, muitas vezes, recentes nestes lugares ou tardios, tendo em vista o tempo de existência dos núcleos, e não atingem a todas as casas indistinta e individualmente. Na realidade, mesmo nesses casos muitas residências não são servidas ou os desfrutam de forma conjunta e insuficiente.

Entre os serviços mais descentralizados estão os postos de atendimento do Departamento de Serviço Social da Prefeitura Municipal e as unidades escolares, particularmente as salas de aula do 1º grau ou das 1ªs séries deste grau; embora sejam igualmente insuficientes face a população demandante.

Os serviços médicos mais centralizados, a ausência de sistema de esgotos (24), a precariedade dos transportes (25), da quantidade de passarelas – já que muitos convivem com as principais vias de acesso entre a Baixada Santista e o

(24) Toda Cubatão tem esta deficiência, sendo sanada através de uso da fossa negra; contudo, caracterizam os núcleos pobres as valas de esgoto a céu aberto, o mangue transformado em esgoto, e quando da necessidade de utilização de poço e da fossa, diante do acotovelamento das casas, surgem sérios problemas de contaminação da água.

(25) Quanto aos transportes coletivos, a cidade é servida por uma única empresa, a Viação Santos-Cubatão – excluindo-se os serviços exclusivos às indústrias e empreiteiras – de preços exorbitantes e serviços insatisfatórios. Nas favelas destacam-se, especialmente, as poucas linhas de ônibus e os pontos mal situados.

Em outubro de 1983, deu-se o "dia do pulo", quando muitos usuários pularam as catracas reivindicando redução dos preços das passagens, novas linhas de ônibus ou extensão das já existentes. O cerne das reivindicações, no entanto, é o rompimento do monopólio dessa empresa, com a criação de uma nova empresa gerenciada pelo município.

restante do Estado – do arruamento, do asfalto, dos aterros em áreas alagadas (26), das formas de lazer, etc. estão entre os maiores problemas desses núcleos.

Para além da quantidade e qualidade dos serviços e equipamentos urbanos nos núcleos pobres, seguramente inferiores; da dificuldade de aquisição de muitos deles, face a capacidade reduzida de pagamento de seus usuários, resultando no corte dos serviços e nas ligações clandestinas de água e de luz; é necessário refletir sobre a capacidade de manipulação que os envolve, seja diretamente pelo caráter ideológico explícito que podem assumir, como nos casos dos serviços de assistência social e de educação, seja indiretamente pela aparência de doação ou dádiva que sua obtenção pode adquirir, em particular junto às favelas. Os deveres e direitos sobre a cidade se fundamentam na apropriação da terra legítima juridicamente, o que torna as favelas marginais ao direito de serem áreas urbanizadas (27).

O caráter apolítico que as assistentes sociais da prefeitura de Cubatão insistem em dar a seu trabalho, em verdade, é tacitamente político, consciente ou inconscientemente do ponto de vista pessoal; sua atividade é exatamente a expressão da reprodução desse habitante da periferia da cidade, independente de sua preservação na qualidade de morador legítimo. É o pária ajudado, tutelado. E esta tutela pode ser transformada em estratégia, na tentativa de valorizar segmentos específicos do espaço, em detrimento de outros, ratificar ou tentar alterar seu uso; descaracterizar as reivindicações de moradores, de conquistas a dádivas de governos particulares; controlar as aspirações, os valores reproduzidos nesses espaços, através da institucionalização de associações de moradores, etc.

As formas de apropriação desses serviços, assim como a desigualdade dessa apropriação, que caracterizam a perda da cidade por parte desses núcleos e de seus moradores, não só resultam, como se tornam condição da reprodução das relações sociais de produção.

Diante da dinâmica de valorização da terra em Cubatão, atrelada ao desenvolvimento da acumulação industrial deste centro produtivo, vivemos nos últimos tempos o acirramento das contradições inerentes a um processo de valorização diferencial, anteriormente conveniente aos principais interessados, agora ameaçados.

Neste sentido, finalmente sobre a perda, podemos detectá-la na tentativa de usurpar essa população pobre de suas terras e casas adquiridas ou conquistadas. No primeiro caso, os exemplos são Vila Parisi e outros núcleos, de propriedade regularizada, sucessivamente definidos e transformados em “aglomerados em extinção” ou “desconformes”, envolvidos diretamente na disputa de terras pelas indústrias. No segundo caso, trata-se das favelas, vivendo além dos conflitos com as indústrias, conflitos particulares entre os proprietários das terras ocupadas e os favelados (28). E os interesses envolvidos são poderosos o suficiente para usarem o aparelho do Estado em seu benefício. As leis de uso do solo e os decretos nos mesmos termos, municipais ou estaduais, denunciam-no; e o argumento por meio do qual se fala em remoção dos núcleos residenciais é, como já o mencionamos, muitas vezes, direta ou indiretamente, a poluição (veja quadro 3, mais exatamente situação jurídica do núcleo).

(26) De modo geral, os aterros ficam por conta do morador, que compra o material e executa o serviço.

(27) Em Vila Parisi, as carências não são muito distintas das referentes às favelas; são valas de esgoto a céu aberto, ruas sem asfalto, etc., a ponto de arrancar declarações sobre a história de desprezo à vila por parte dos poderes públicos, e sua aparência de favela, embora paguem impostos e tenham direito às melhorias.

(28) Existem exemplos no âmbito das diferentes favelas ou de uma mesma favela em diferentes momentos, como: a tentativa, sem sucesso, de ação de despejo e reintegração de posse movida, em 1978 pela RFFSA, contra os favelados de Vila Siri; ou a vigilância e repressão da Polícia Florestal, nas cotas, aos que querem construir novos barracos; ou ainda o congelamento do crescimento de Vila Natal, pela Prefeitura Municipal, a manipulação deste crescimento sob sua tutela, em nome da reorganização dos barracos e divisão dos lotes entre os moradores. De qualquer forma, a burla das vigilâncias é uma constante.

Entre os argumentos mais imediatos utilizados para negar a idéia de remoção estão a existência de uma massa de trabalhadores, algumas vezes maior que a população residente nos núcleos afetados, trabalhando diuturnamente nas indústrias das proximidades (a rigor, boa parte desses moradores trabalham nestas indústrias), e, o problema de poluição em Cubatão não se circunscrever aos limites dos mesmos.

Independente do caráter redutor ou não, que possa ter a nosso critério, a solução da questão da habitação, encarada de maneira isolada, a alternativa da política habitacional existente no Brasil, como forma de resolução desses conflitos, não é encarada, pela população pobre que analisamos, como uma máscara, na qual se escudam os interessados em removê-la de suas casas. Desacreditada, a seu respeito, arranca-se depoimento como este: "casas construídas pelo BNH precisa-se morrer para ser dono".

Em Cubatão, as tentativas do Estado de resolução da questão habitacional esbarram em iniciativas sempre aquém às necessidades e que, majoritariamente, sequer atingem a população em exame. Além disso, defrontam-se com a superposição de interesses relativamente aos espaços escolhidos a abrigar as casas populares. O Projeto Cotia Pará, independentemente de ser factível ou não, sofreu a concorrência do Ministério dos Transportes, interessado em transformar parte substancial da área referida em um retroporto. Neste sentido, são observadas estratégias, para erradicar os núcleos residenciais existentes, acompanhadas de projetos habitacionais que transcendem ou beiram os limites espaciais de Cubatão (ou melhor, referem-se a áreas mais distantes dos principais centros de trabalho). Portanto, tendem a uma prestação inviável, do ponto de vista da capacidade de pagamento dessa população somada a custos adicionais de transportes, pela ampliação da distância entre o local de emprego e o de moradia; principalmente, considerando-se os preços de monopólio que regem os transportes coletivos em Cubatão.

No final de 1984, exatamente a 10 de dezembro, o governo estadual, através do decreto nº 23 040, revogou a legislação de uso do solo anterior, e com ela o caráter desconforme dos aglomerados urbanos em litígio.

Em princípio, tal decreto contrapõe-se aos anteriores; contudo, seria precipitado supor que elimine os conflitos e interesses contraditórios, envolvendo as indústrias e a população residente nesses e em outros núcleos residenciais de Cubatão. Recoloca, sim, esta luta em um novo patamar, e, sem dúvida, reflete uma conquista dos que estiveram empenhados nas manifestações contra a remoção das vilas atingidas e por medidas efetivas ao combate da poluição.

Esse novo patamar do conflito de terras em Cubatão desemboca por sua vez em novas estratégias de luta por parte dos industriais, e os últimos acontecimentos envolvendo Vila Parisi o revelam.

Primeiramente, dá-se, contrariando as determinações do decreto acima citado, a desapropriação de Vila Parisi e sua transformação em área de Reserva Ambiental e Ecológica (sic), através do decreto municipal nº 4.045, de 28 de janeiro de 1985. A população de Vila Parisi seria então remanejada para Vila Natal no prazo estabelecido de seis meses. A enchente da vila em 23 de janeiro de 1985 e o vazamento de amônia de um duto da Ultrafértil, em suas proximidades, dois dias depois, foram tomados como pretexto a sua desapropriação. Se consumada a transferência, as indústrias conseguiriam a baixos custos e com a ajuda do Estado as terras que lhe são necessárias (seria só conferir a implantação da "área ecológica").

Em segundo lugar, quase que imediatamente, a 6 de fevereiro de 1985, após exoneração do prefeito anterior e em aparência como represália a sua decisão, é nomeado o diretor do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP) na Baixada Santista como novo prefeito. Aparência perversa. Estamos diante, sem dúvida, de um novo representante dos interesses das indústrias.

Apenas passados alguns meses retoma-se a pretensa necessidade de desapropriação de Vila Parisi, agora a propósito dos desmoraamentos da Serra do Mar, considerados iminentes em suas proximidades; desmoraamentos que, caso aconteçam, dificilmente atingirão somente à vila.

É a ironia é ainda maior quando, novamente em 1985, à primeira eleição direta para prefeito, desde 1968 – momento em que Cubatão é arrolado entre os municípios de interesse nacional (lei nº 5.449) e a partir de então teve seu prefeito nomeado – elege-se exatamente o penúltimo interventor.

Resultado possível junto a uma população que em grande parte sofreu sua tutela e ainda não rompeu tal mecanismo de alienação. Embora, contraditoriamente, esta mesma população venha dando importantes sinais de resistência; como exemplo, a organização dos moradores de Vila São José, após o incêndio que a vitimou, e as conquistas frente à Petrobras e ao Estado, com relação a novas moradias, indenizações, etc.

A resistência aparece tanto a nível localizado, relativa a núcleos pobres em particular, como de forma mais abrangente, caso da Associação das Vítimas da Poluição e das Más Condições de Vida de Cubatão.

Independente das dissimulações, mediações e equívocos, o conflito de interesses persiste.

A segregação, a expropriação, a perda manifestam-se no conflito político como apropriação, resistência, luta.

Para além da dor da pobreza, expressa nas condições acinzentadas das moradias desses núcleos pobres, revela-se a identidade do homem seu morador, no colorido dos barracos azuis, cor-de-rosas, verdes. Nestes termos, refletindo também, apesar da miséria, o espaço como obra dos próprios interessados, seus usuários. Guardamos nesta imagem, a imagem da resistência.

## RESUMO

Tratamos de estudar as favelas de Cubatão no contexto de seu desenvolvimento enquanto centro petroquímico-siderúrgico, cujo início data da década de 1950. Movidos pelo interesse de não fugir à sua especificidade em Cubatão, afastamo-nos, num primeiro momento, da temática da favela propriamente, para nos concentrarmos nos favelados como trabalhadores. Esta perspectiva nos garantiu a descoberta de uma industrialização escondida na paisagem, já que não estruturada em um corpo industrial definido. Industrialização que é inerente ao processo de acumulação instaurado em Cubatão, tendo como personagens – se bem que não únicos – os favelados trabalhadores. Refere-se, em especial, à indústria de construção pesada e montagem industrial. Para explicá-la recorreremos à compreensão do processo de reprodução do capital constante das demais indústrias desse centro produtivo, particularmente da fração que lhe é afeta.

Esboçamos algumas das formas de exploração e dominação da força-de-trabalho no interior da indústria da construção, que justificam a extrema pobreza em que vivem seus trabalhadores e que combinadas ao processo de valorização da terra em Cubatão, paralela ao desenvolvimento do centro industrial, e o decorrente encarecimento dos aluguéis, traduzem-se na sua condição de favelado ou habitante de outros núcleos pobres, aparentados às favelas. A população favelada se aproxima da metade da população total de Cubatão.

A história de expropriação em Cubatão não se esgota nas favelas, atinge outros núcleos pobres, num verdadeiro processo de favelização tático, visando a extinção dos mesmos e o agambaramento dessas áreas pelas indústrias, corroborado pelo Estado, através de legislação de uso do solo, etc.

Levada às últimas consequências, essa expropriação abrange Cubatão inteiro, na figura de um centro urbano altamente poluído, em decorrência da produção industrial e dos parques equipamentos antipoluentes disponíveis. Cada vez mais Cubatão se caracteriza como lugar hostil à vida.

## ABSTRACT

The author studies the "favelas" in the context of the Cubatão (- SP) petrochemistry-siderurgic center development. The analysis of "favelas" workers population had revealed a covertly industrialization, that has its inhabitants as characters especially the heavy industries of construction and mounting industries.

The forms of labour force exploration and domination justifies the extreme poverty of these workers that combined with the land valorization, the industrial center development and the current raising house rent, lead them to "favelas" or others equal poor quarters.

The expropriation history in Cubatão do not finish with the "favelas" but reaches others poor quarters in a true process of tactical "favelização" in order to extinguish them to deliver that space for the industries.

This expropriation embraces all Cubatão, highly polluted urban center, that is more and more hostile to life.

## RÉSUMÉ

L'auteur étudie les bidonvilles dans le contexte du développement du pôle petrochimique et sidérurgique de Cubatão-S.P.. L'analyse de la population travailleuse qu'y habite a révélée une industrialization cachée en les ayant comme personnages, en particulier l'industrie de la construction lourde et l'industrie du montage.

Les formes d'exploration et domination de la force de travail justifie l'extrême pauvreté des travailleurs que combinées avec la valorization de la terre, le développement du pôle industriel et la croissance des loyers, les ont menés au bidonvilles ou bien à d'autres quartiers pauvres. L'histoire de l'exploration au Cubatão ne termine pas avec les bidonvilles, mais elle touche aussi d'y mettre en production tactique des bidonvilles dans le but de les supprimer ensuite pour livrer l'espace aux industries.

## Quadro 2

## Cubatão

## ALGUMAS DAS PRINCIPAIS EMPREITEIRAS DE CONSTRUÇÃO PESADA, MONTAGEM INDUSTRIAL E OUTRAS

Empresa	Sub-Setor	Atividade	Data do Cadastramento	Propriedade do Capital
Montreal Engenharia S/A.	MTI	construção civil inclusive reformas	15.04.68	privada nacional
Sade Sul Americana de Engenharia S/A.	MTI (CON)	construção civil inclusive reformas	13.08.68	privada estrangeira
Engeral S/A. Engenharia, Comércio e Indústria	CON	construção civil inclusive reformas	14.04.70	privada nacional
Geosonda S/A.	SAX	sondagem estaqueamento e geotécnica	15.05.70	-
Sanco S/A. Construções e Saneamento	CON	construção civil inclusive reformas	25.05.70	privada nacional
Techint Cia. Técnica Internacional	MTI (CON)	construção civil inclusive reformas	13.07.70	privada estrangeira
Conterma Construtora Industrial e Termotécnica S/A.	MTI	locação mão-de-obra para construção civil	25.08.70	privada nacional
Sondotécnica Engenharia de Sotos S/A.	ECO	sondagem, estaqueamento e geotécnica	25.08.70	privada nacional
Ecisa Engenharia, Comércio e Indústria S/A.	CON (EDI)	construção civil inclusive reformas	19.10.70	privada nacional
Cit Pavimentação e Terraplanagem S/A.	CON (EDI)	urbanização de logradouro	29.11.71	
Tenenge Técnica Nacional de Engenharia S/A.	MTI (CON)	instalação de energia elétrica e linhas de comunicação	06.03.72	privada nacional
Etemont Empresa Técnica de Montagens S/A.	MTI	montagem - aparelho ao usuário	24.04.73	-

**ALGUMAS DAS PRINCIPAIS EMPREITEIRAS DE CONSTRUÇÃO PESADA, MONTAGEM INDUSTRIAL E OUTRAS**

Empresa	Sub-Setor	Atividade	Data do Cadastramento	Propriedade do Capital
Geobrás S/A. Engenharia e Fundações	SAX	sondagem estaqueamento e geotécnica	16.05.73	privada nacional
Construtora e Pavimentadora Latina S/A.	CON	urbanização logradouros	10.09.73	privada nacional
Concremat Eng. e Tecnologia S/A.	ECO (SAX)	construção civil, inclusive reformas	19.09.73	privada nacional
Cebec S/A. Eng. e Ind.	SAX	construção civil, inclusive reformas	30.11.73	privada nacional
Manobra Engenharia de Manutenção e Obras S/A.	SAX (MTI)	locação mão-de-obra para construção civil	03.05.74	privada nacional
Servix Engenharia S/A.	CON (MTI)	construção civil, inclusive reformas	07.05.74	privada nacional
Construtora Beter S/A.	EDI (CON)	construção civil, inclusive reformas	28.06.74	privada nacional
S/A. Brasileira de Fundações Sobral	SAX	construção civil, inclusive reformas	16.08.74	-
International Foundation Group do Brasil Construções Ltda.	SAX	construção civil, inclusive reformas	13.08.74	-
Construtora Passarelli S/A.	CON (EDI)	construção civil, inclusive reformas	13.09.74	privada nacional
Santo André Montagens e Terraplanagem S/A.	CON	terraplanagem, escavação	07.07.75	privada nacional
Vem Equipamentos Tec. Constr. e Serviços Ind. S/A.	-	construção civil, inclusive reformas	19.08.76	-
Concrebrás S/A. Eng. de Concreto	SAX	construção civil, inclusive reformas	30.08.76	privada estrangeira
Enterpa S/A. Eng.	SAX (CON)	construção civil, inclusive reformas	13.01.77	privada nacional
Montcalm S/A. Montagens Industriais	MTI	montagem de aparelho ao usuário	05.04.77	privada nacional
Constran S/A. Construções e Comércio	CON	construção civil, inclusive reformas	18.05.77	privada nacional
Constecca Construções Empreendimentos e Participações Ltda.	EDI (CON)	construção civil, inclusive reformas	31.10.77	privada nacional
Esusa Eng. e Construções S/A.	CON (EDI)	construção civil, inclusive reformas	29.11.77	privada nacional
Racz Construtora S/A.	MTI (EDI)	construção civil, inclusive reformas	15.12.77	-
Spenco Eng. e Construções Ltda.	CON (EDI)	construção civil, inclusive reformas	27.01.78	privada nacional
Mao-Laren Anticorrosão e Montagem Industrial S/A.	MTI	impermeabilizante construções	14.03.78	privada nacional
Natron Consultoria e Projetos S/A.	ECO	projeto e administração obras - construção civil	04.05.78	privada nacional
Construtora Mendes Junior S/A.	CON	construção civil, inclusive reformas	28.12.78	privada nacional
Cmel Carneiro Monteiro Eng. S/A.	MTI	construção civil, inclusive reformas	02.01.79	privada nacional
Concretex S/A.	SAX	concretagem	09.02.79	privada nacional
Omnia Eng. e Construções S/A.	CON	construção civil, inclusive reformas	08.05.79	privada nacional
Logos Eng. S/A.	ECO	construção civil, inclusive reformas	30.10.79	privada nacional
Triel S/A. Eng. Elétrica Especializada	MTI	instalação energia elétrica e linhas de comunicação	22.11.79	privada nacional

**ALGUMAS DAS PRINCIPAIS EMPREITEIRAS DE CONSTRUÇÃO PESADA, MONTAGEM INDUSTRIAL E OUTRAS**

Empresa	Sub-Setor	Atividade	Data do Cadastramento	Propriedade do Capital
Itapum Montagens S/A.	MTI	montagem aparelho ao usuário	06.12.79	-
Construtora Alcindo Vieira Convap S/A.	CON	construção civil, inclusive reformas	29.04.80	privada nacional
Fem Fábrica de Estruturas Metálicas S/A.	MTI	construção túneis e viadutos	12.05.80	estatal
Spil Enir Eng. S/A.	CON (MTI/EDI)	construção civil inclusive reformas	25.05.80	privada nacional
A. Araújo S/A. Eng. e Montagens	MTI (CON/ECO)	construção civil, inclusive reformas	26.05.80	privada nacional
Dextra Serviços de Manutenção S/A.	-	reparação máquinas e aparelhos industriais e agrícolas	28.05.80	-
Cemsa Construções Eng. e Montagens S/A.	MTI (CON)	construção civil, inclusive reformas	25.08.80	privada nacional
Figueiredo Ferraz Consultoria e Eng. de Projetos Ltda.	ECO	projeto e administração obras - construção civil	29.09.80	privada nacional
Enesa Eng. S/A.	MTI	construção civil, inclusive reformas	23.09.80	privada nacional
Construtora Alcantara S/A.	CON	construção civil, inclusive reformas	09.10.80	privada nacional
Ultratec Eng. S/A.	MTI	construção civil, inclusive reformas	09.10.80	privada nacional
Jecel Instalações Industriais Ltda.	-	construção civil, inclusive reformas	28.01.81	-
Transpavi Codrasa S/A.	CON (EDI/SAX)	construção civil, inclusive reformas	24.02.81	privada nacional
Montabrás Manutenção Reparos e Transportes Ltda.	-	reparação máquinas e aparelhos industriais e agrícolas	06.03.81	-
Firpavi Construtora e Pavimentadora S/A.	CON	construção civil, inclusive reformas	04.06.81	privada nacional
Nardelli S/A. Eng. e Indústria	CON	construção civil, inclusive reformas	17.06.81	privada nacional
Edibrás Construções Gerais S/A.	-	construção civil, inclusive reformas	11.01.82	-
Christiani - Nielsen Engenheiros e Construtores S/A.	CON (MTI)	construção civil, inclusive reformas	02.08.82	privada estrangeira
CCM Construções Consultoria e Montagem Ltda.	MTI	construção civil, inclusive reformas	30.12.82	-
Setal Instalações Industriais S/A.	MTI (SAX)	instalação equipamentos técnicos e industriais	13.04.83	privada nacional
SBE Sociedade Brasileira de Eletrificação S/A.	MTI (SAX)	instalação energia elétrica e linhas de comunicações	27.07.83	privada estrangeira
Construtora Guarantã S/A.	EDI (CON)	construção pontes, diques e faróis	31.08.83	privada nacional

FONTES: Prefeitura Municipal de Cubatão, Secretaria de Finanças (quanto atividade e data de cadastramento)

Revista Dirigente Construtor, Julho/81 (Sub-setor produtivo)

Revista Visão, Quem é Quem na Economia Brasileira, Agosto/83 (propriedade do capital)

Obs: (1) Sub-setores: CON - Construção Pesada; MTI - Montagem Industrial; SAX - Serviços Auxiliares; ECO - Consultoria de Engenharia e Arquitetura; e EDI - Edificações.

(2) Entre parenteses outros sub-setores produtivos em que a empresa também opera.

**Quadro 3 – Cubatão – FAVELAS E DEMAIS NÚCLEOS POBRES E MORADORES**

Discriminação das Favelas e Demais Núcleos Pobres	Origem do Núcleo	Situação Jurídica do Núcleo	Data de Referência	População Total	Origem da População	Favelados ou Moradores Enquanto Trabalhadores
Vila Parisi (Núcleo Pobre)	Surgimento em 1958/59 - em função da comercialização do loteamento dos irmãos Parisi, por ocasião da instalação da Cosipa.	Loteamento regular (considerado "aglomerado em extinção" pelas leis municipais 776/69 e 902/72, anistada pela lei 964/74, do mesmo modo, classificado como "núcleo residencial desconforme" pelos decretos - estaduais nº 18.525/82 e 20.091/82, que regulamentavam o zoneamento industrial em Cubatão, revogados pelo decreto nº 23.040/84). (*)	1.978 1.979	4.825 6.549	Em sua maioria do Nordeste e Minas Gerais. Em amostra realizada em 1978, dos 222 moradores entrevistados 52,7% eram nordestinos.	"As empreiteiras contratadas absorvem significativa parcela dos trabalhadores do local, outros empregam-se em diversos setores de serviço em Cubatão e cidades vizinhas". Segundo a amostra de 1978, exatamente, 55,9%, trabalhavam em empreiteiras de construção a 25,4% nos serviços e comércio.
Vila São José ou Vila Socó (Favela)	Surgimento na década de 60.	Invasão de propriedade em parte particular - (herdeiros do Conde Siciliano) e também da marinha (Serviço do Patrimônio da União). Considerado "aglomerado em extinção" pela lei municipal nº 964/74. (1)	1.976 1.979 1.980 02/84	4.145 5.883 6.831 menos cerca de 2.375 pessoas entre mortos e desabrigados, com o incêndio da Vila. (2)	Em 1976, 53,7% eram nordestinos, 23,1% do Sudeste, sendo que desses, 75,0% do Estado de São Paulo. Os demais de outros estados e regiões.	Em 1976, dos 1.263 trabalhadores do núcleo, 54,4% trabalhavam em empreiteiras de construção; em 1979, para um total de 1.400 trabalhadores, essa percentagem elevou-se para 55,6%. O restante dividia-se entre as outras indústrias, os serviços e o comércio.
Vila dos Pescadores ou Vila Siri (Favela)	Surgimento na década de 1960, em princípio a partir de um pequeno grupo de pescadores.	Invasão de terreno de propriedade da marinha (Serviço do Patrimônio da União) e da Rede Ferroviária Federal S/A.	1.979 1.980 1.982	1.562 1.794 4.160	Em sua maioria do Nordeste.	"A população se divide entre diversos locais de trabalho: a própria vila, em empreiteiras do parque industrial de Cubatão, em casas de famílias, o comércio, etc... Apesar da vila receber a denominação de Vila dos Pescadores, possui um número reduzido de pessoas que exercem esta profissão... em maior número por conta de menores..." "...a maioria trabalha em empreiteiras..."
Cota 95/100 (Favela do Miranda)	Surgimento por volta de 1938 com a construção da Via Anchieta, a partir de acampamentos construídos para os funcionários do D.E.R..	Invasão de terrenos originalmente de propriedade da Companhia Santista de Papel e da DERSA; mas, de fato, a maioria sob a jurisdição da Secretaria da Agricultura enquanto parte do Parque Estadual da Serra do Mar.	1.979 1.980 1.982 1.984	2.838 3.100 4.454 25.000 (estimativa)	Em 1982, 51,6%, originavam-se do Nordeste e Minas Gerais; considerando-se o Norte somava 51,8% (2.307 pessoas). Do Estado de São Paulo eram 43,1% dos quais a maioria do interior do estado. Os demais repartidos entre outras regiões e estados.	Em 1979, quase 60% dos trabalhadores residentes no núcleo estavam afetos à construção. Em 1982, dos 1.140 trabalhadores afiados, foi possível classificar 1.114 deles, distribuídos entre 232 mulheres e 882 homens. Dentre as mulheres 138 delas ou 59,4% trabalhavam em serviços, 49,3% das quais como domésticas, somadas as 35 afetas ao comércio, equivaliam a 74,1% do total. Quanto aos homens, 431 ou 48,9% trabalhavam em empreiteiras, 223 ou 25,2% nas demais indústrias, especialmente as de fertilizantes; e, apenas, 170 ou 19,3% em serviços, dos quais 31,2% como funcionários do DER (ou DERSA), exatamente 6% do total. Somados os serviços e o comércio equivalem a 25,9% dos trabalhadores.

**Quadro 3 – Cubatão – FAVELAS E DEMAIS NÚCLEOS POBRES E MORADORES**

Discriminação das Favelas e Demais Núcleos Pobres	Origem do Núcleo	Situação Jurídica do Núcleo	Data de Referência	População Total	Origem da População	Favelados ou Moradores Enquanto Trabalhadores
Cota 200 (Favela)	Surgimento por volta de 1938, com a construção da Via Anchieta, a partir de acampamento dos funcionários do DER.	Invasão de terreno originalmente de propriedade da DERSA; mas de fato sob a jurisdição da Secretaria da Agricultura enquanto parte do Parque Estadual da Serra do Mar.	1.978 1.979 1.980	1.188 1.426 1.624	Em 1978, 38,6% eram nordestinos e 32,2% vindos do Sudeste; dos quais 61,1% do estado de São Paulo. Os demais de outras regiões e estados.	Em 1978, dos 333 trabalhadores af-residentes, foi possível classificar 303 deles, discriminando-os em: 25,7% ou 78 trabalhadores de empreiteiras de construção, 14,2% ou 43 trabalhadores das demais indústrias e 60,1% ou 182 trabalhadores em serviços e comércio, dos quais 40,1% eram funcionários da Anchieta; especialmente mulheres e adolescentes.
Sítio do Pica-Pau Amarelo ou Pedro Taques (Favela)	Surgimento por volta de 1978.	Invasão de terreno de propriedade da SABESP e ELETRO-PAULO.	1.979 1.980 1.984	871 896 365 famílias (aproximadamente, 1.825 pessoas). (3)	Boa parte nordestinos.	Boa parte trabalhando em empreiteiras de construções.
Pista Ascendente (Favela)		Invasão de terreno da DERSA.	1.979	516	"De maneira geral, os dem ser transferidos	dados levantados para a Vila São José para essa população..."
Vila Elizabeth (Núcleo Pobre)		Loteamento regular classificado como "núcleo residencial desconforme" pelos decretos estaduais nºs 18.525/82 e 20.091/82, revogados pelo decreto nº 23.040/84.	1.979	718		Boa parte trabalhando em empreiteiras de construção e transportadoras.
Piaçaguera (Núcleo Pobre com Casos de Invasão)	Surgimento por volta do início do século, como vila de operários da R.F.F.S.A.	Núcleo de propriedade da R.F.F.S.A., com casos de invasão. Classificado como "núcleo residencial desconforme" pelos decretos estaduais nºs, 18.525/81 20.091/82, revogados pelo decreto nº 23.040/84.	1.979	354		
Areias ou Sítio Capivari (Favela)	Surgimento por volta de 1958, com a invasão de um antigo bananal por trabalhadores, especialmente, os envolvidos na construção da Copebrás.	Invasão de propriedade particular. Classificado como "núcleo residencial desconforme" pelos decretos estaduais nºs, 18.525/82 e 20.091/82, revogados pelo decreto nº 23.040/84.	1.978 1.979	385 349	Em 1978, 51,4% eram nordestinos, os demais do estado de São Paulo (7,8%), do restante da região Sudeste (8,8%), do Norte (1,1%), do Sul (1,1%), etc.	Em 1978, 53,3% trabalhavam em empreiteiras, especialmente as de construção. O restante dividia-se entre as outras indústrias, os serviços e o comércio.
Olarina ou Curtume (Favela)	Surgimento a partir das casas dos funcionários do D.E.R.	Invasão de terrenos da ELETROPAULO, DERSA, SABESP, e de particulares.	1.979 1.980 1.984	250 387 28 famílias (aproximadamente, 140 pessoas).(3)		Boa parte trabalhando em empreiteiras de construção.

Quadro 3 – Cubatão – FAVELAS E DEMAIS NÚCLEOS POBRES E MORADORES

Discriminação das Favelas e Demais Núcleos Pobres	Origem do Núcleo	Situação Jurídica do Núcleo	Data de Referência	População Total	Origem da População	Favelados ou Moradores Enquanto Trabalhadores
Ilha de Caraguatá (Núcleo Pobre)		Loteamento clandestino	1.979 1.984	286 400 famílias (aproximadamente, 2.000 pessoas). (3)		Entrevistas registraram a presença de trabalhadores de empreiteiras de construção.
Cota 400 (Favela)	Surgimento por volta de 1938, com a construção da Anchieta, a partir de acampamento dos funcionários do DER.	Invasão de terreno originalmente de propriedade da DERSA, mais de fato, sob a jurisdição da Secretaria da Agricultura, enquanto parte do Parque Estadual da Serra do Mar.	1.977 1.979	276 273	Em 1977, 60,5% eram da região Sudeste, dos quais a maioria do estado de São Paulo (59,1%). Entre os demais, 32,2% eram nordestinos e 6,9 originários do Sul.	Em 1977, dos 84 trabalhadores aí residentes, 46 ou 54,7% trabalhavam em empreiteiras de construção, apenas 4 ou 4,8% nas demais indústrias e 34 ou 40,5% em serviços e comércio, dos quais se destacam 47,1% como funcionários do DER ou da DERSA (19,1% do total geral) e 44,1% como autônomos, a maioria, mulheres e adolescentes biscateiros da Via Anchieta e Imigrantes
Cota 500 (Favela)	Surgimento por volta de 1938, com a construção da Anchieta, a partir de acampamento dos funcionários do DER.	Invasão do terreno originalmente de propriedade da DERSA; mas, de fato, sob a jurisdição da Secretaria da Agricultura, enquanto parte do Parque Estadual da Serra do Mar.	1.977 1.979	27 22	Em 1977, 55,6% eram do Sudeste e 44,4% do Nordeste.	Em 1977, dos 13 trabalhadores aí residentes, 30,8% trabalhavam em empreiteiras de construção e 69,2% em serviços e comércio; dos quais se destacavam 44,4% como funcionários do DER ou DERSA (30,8% do total geral).
Vila Pelicas (Núcleo Pobre)	Surgimento no final da década de 50.	Loteamento irregular, aproveitamento de faixa de propriedade da DERSA.	1.979	72		
Vila Ponte Nova (Núcleo Pobre)		Loteamento clandestino	1.981/82	140 (estimativa)		
Jardim São Marcos (Núcleo Pobre)	Surgimento em 1956	Loteamento regular. Considerado "aglomerado em extinção" pela lei municipal nº 964/74 e "núcleo residencial desconforme" pelos decretos estaduais nºs. 18.525/82 e 20.091/82, revogados pelo decreto nº 23.040/84. Boa parte do terreno adquirido pela ULTRAFERTIL.	1.979 1.980 1.983	146 159 12		Reunindo trabalhadores de empreiteiras e indústrias ao redor, além da tradicional zona de prostituição. Atualmente incorporados, em especial, à Vila Parisi.

**Quadro 3 – Cubatão – FAVELAS E DEMAIS NÚCLEOS POBRES E MORADORES**

Discriminação das Favelas e Demais Núcleos Pobres	Origem do Núcleo	Situação Jurídica do Núcleo	Data de Referência	População Total	Origem da População	Favelados ou Moradores Enquanto Trabalhadores
Ponte Preta (Favela)		Invasão de terrenos do Estado e particulares (sitios de banana abandonados).	1.979 1.980	295 247		Entrevistas registraram a presença de trabalhadores de empreiteiras de construção.
Oleoduto (Favela)	Surgimento por extensão à Vila de Operários da PETROBRAS; exatamente, do Oleoduto.	Invasão de terrenos de propriedade da PETROBRAS.	1.979 1.981	180 32 famílias (aproximadamente, 160 pessoas). (3)		Entrevistas registram a presença de trabalhadores de empreiteiras de construção.
Itutinga (Lixão) (Favela)	Surgimento na década de 70, a partir do lixão de Cubatão.	Invasão de terrenos de propriedade do estado.	1.979*	52		Especialmente envolvidos com a comercialização do material do lixão.
Vila Natal (Favela)	Surgimento em função da construção do acesso Pedro Taques/Imigrantes, por volta de 1974, enquanto Vila Imigrantes. Em fins de 1981, invasão de um novo trecho, mais próximo da Anchieta, já como Vila Natal.	De início, invasão de terrenos da DERSA, FEPASA e particular. Hoje parte da área adquirida pela Prefeitura (exceto as áreas de domínio da DERSA e da FEPASA), para onde estão sendo remanejados os moradores (plano de urbanização da favela Natal, da Prefeitura Municipal).	1.979 1.983 1.984	204 645 famílias (aproximadamente, 3.225 pessoas). (2) 817 famílias (aproximadamente 4.095 pessoas). (3) incluindo remanejados de Olaria, 96 famílias da cota 95/100 e Pica-Pau Amarelo - áreas de risco iminente de deslizamentos (4) e 22 famílias de Vila São José entre os desabrigados do incêndio.	Boa parte é de origem nordestina	Boa parte trabalhando junto as empreiteiras de construção (em 1983 havia por volta de 70% de desempregados com a desativação das mesmas).

(\*) Adendo: contrariando a determinação do decreto estadual nº 23.040/84, o prefeito municipal de Cubatão, desapropriou Vila Parisi e transformou-a em área de Reserva Ambiental e Ecológica, através do decreto municipal nº 4.045, de 28 de janeiro de 1985.

FONTES: Prefeitura Municipal de Cubatão, Secretaria de Planejamento, Divisão Sócio-Econômica (Pesquisa Sócio-Econômica e seus Resumos) o Departamento de Serviço Social, FIBGE, Síntese Preliminar do Censo Demográfico, 1980. Pesquisa de campo.

(1) Sobre os "aglomerados em extinção" nos referimos apenas a lei municipal que lhe dá a redação mais recente, qual seja a de nº 964/74; exceção feita à Vila Parisi.

(2) Na estimativa, considerou-se uma média de 5 ocupantes por cada barraco destruído da Vila São José; exatamente, 475 barracos.

(3) A estimativa estabelecida a partir do número de famílias obedeceu a consideração de uma média de 5 pessoas por famílias.

(4) Segundo o IPT - informações de dezembro de 1984 - existem 6.000 barracos nas encostas da Serra do Mar, ao longo da Anchieta, incluindo as favelas-cotas mencionadas e a favela Pica-Pau Amarelo, dos quais 760 correm riscos de deslizamentos; desses 460 necessitam obras de estabilização do terreno e 300, apresentando risco iminente, devem ser removidos.

